

THE WALKING DEAD

A ESTRADA DE WOODBURY

**ROBERT KIRKMAN
E JAY BONANSINGA**

Tradução de Jorge Colaço



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Dedicado a Jilly (L'amore della mia vita)
— Jay Bonansinga

*A todas as pessoas que, ao longo dos anos, me fizeram parecer
muito mais talentoso do que realmente sou:
Charlie Adlard, Cory Walker, Ryan Ottley, Jason Howard,
E claro ao... senhor Jay Bonansinga*
— Robert Kirkman



AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a Robert Kirkman,
David Alpert, Brendan Deneen,
Nicole Sohl, Circle of Confusion, Andy Cohen,
Kemper Donovan e Tom Leavens.
— Jay Bonansinga

Ao meu pai, Carl Kirkman, que me ensinou o valor de trabalhar
por mim mesmo e me mostrou que alguém pode ter êxito se trabalhar
dura e concentradamente naquilo que quer realizar. E ao meu sogro,
John Hicks, que me deu confiança para dar o salto, deixar o meu
emprego diurno e avançar por mim próprio. Devo muito a ambos.
— Robert Kirkman



PARTE 1

A AURORA DO DIA VERMELHO

A vida magoa bastante mais do que a morte.
— Jim Morrison



UM

Ninguém na clareira ouve os mordedores a virem pelas árvores altas.

O ruído do tilintar metálico das estacas das tendas a entrarem no calcário frio e teimoso da Geórgia abafa as passadas distantes — os intrusos ainda a uns bons quinhentos metros de distância, nas sombras dos pinheiros vizinhos. Ninguém ouve os galhos a estalarem sob o vento norte, ou o denunciador barulho de gemidos guturais, esbatidos como os mergulhões atrás da copa das árvores. Ninguém deteta os odores que indiciam carne putrefacta e bolor negro a marinar em fezes. O cheiro penetrante a fumo de madeira de outono e de fruta a apodrecer na brisa de meio da tarde mascara o cheiro dos mortos-vivos.

De facto, por um bom pedaço de tempo, nem um único dos colonos do acampamento em crescimento regista um qualquer perigo *iminente* que seja — a maioria dos sobreviventes encontra-se agora ocupada a erguer vigas de suporte talhadas com objetos encontrados, tais como encaixes de carris, postes telefónicos e bocados de vergalhões enferrujados.

— Patético... olhem para mim — comenta a mulher mais esbelta de rabo de cavalo com um resmungo exasperado, acorando-se desajeitadamente junto de um quadrado de lona da tenda, salpicada de tinta, que estava no chão sobre o canto noroeste do lote. Estremece no seu volumoso camisolão da Georgia Tech, joalheria antiga e calças de ganga rasgadas. Corada e com sardas, de cabelos compridos castanhos-escuros que oscilam em gavinhas presas por pequenas penas delicadas, Lilly Caul é um feixe de tiques nervosos, desde o empurrar constante das pontas soltas do cabelo para trás das orelhas até ao roer compulsivo das unhas. Agora, com a sua pequena mão agarra com força o martelo e bate repetidamente na estaca de metal, tocando levemente na cabeça como se aquela coisa estivesse oleosa.

— Já está bem, Lilly, descontraí — diz o homenzarrão, olhando por trás dela.

— Um bebê de dois anos poderia fazer isto.
— Para de bater em ti própria.
— Não é a *mim* que eu quero bater. — Bate mais um pouco, segurando o martelo com as duas mãos. A estaca não se mexe. — É nesta estaca estúpida.

— Estás a esganar o martelo muito à frente.
— Estou a quê?
— Põe a tua mão mais perto da extremidade do cabo, deixa a ferramenta fazer o trabalho.

Mais batidas.

A estaca salta do chão duro, voa e aterra a dez metros de distância.

— Maldita! *Maldita!* — Lilly bate no chão com o martelo, baixa os olhos e suspira.

— Estás a ir muito bem, minha menina, deixa-me mostrar-te.

O homenzarrão está junto dela, ajoelha-se e começa a tirar-lhe suavemente o martelo das mãos. Lilly retrai-se, recusando entregar o instrumento.

— Espera um segundo, sim? Eu consigo fazer isto, eu *consigo* — insiste ela, os ombros estreitos a contraírem-se sob o camisolão.

Agarra noutra estaca e recomeça, martelando a coroa de metal com hesitação. O solo resiste, duro como cimento. Estava a ser um outubro frio, até àquele momento, e os campos de alqueive a sul de Atlanta estavam endurecidos. Não que isso fosse uma coisa má. A argila dura também é porosa e seca — por agora, pelo menos —, daí a decisão de montar o acampamento ali. O inverno estava a chegar, e aquele contingente estava a reagrupar-se ali havia mais de uma semana, instalando-se, recarregando, repensando o futuro — se, na verdade, *tinham* algum futuro.

— Deixa só a cabeça cair-lhe em cima — demonstra o corpulento afro-americano junto dela, fazendo movimentos de oscilação com o seu enorme braço. As suas mãos imensas parecem poder cobrir-lhe toda a sua cabeça. — Usa a gravidade e o peso do martelo.

Lilly precisa de uma grande dose de esforço consciente para não ficar espedada a olhar para o braço do negro enquanto os músculos cheios sobem e descem. Mesmo acocorado com a sua camisa de ganga sem mangas e o colete surrado, Josh Lee Hamilton tinha uma figura imponente. Com a compleição de jogador da NFL¹, de ombros monolíticos, coxas como enormes troncos de árvore e pescoço grosso, consegue ainda assim movimentar-se com bastante suavidade. Os seus olhos tristes,

¹ National Football League. [N. do T.]

de longas pestanas, e o cenho atencioso, que perpetuamente enruga a frente da sua cabeça calva, dá-lhe um ar de inesperado carinho.

— Não é muito difícil... vêς? — Mostra-lhe de novo e o seu bíceps tatuado, tão grande como a barriga de um porco, salta ao brandir o martelo imaginário. — Vês o que te estou a dizer?

Lilly afasta discretamente o olhar do braço encrespado de Josh. Sente um vago arrepio de culpa de cada vez que repara nos seus músculos, no cone que as suas costas formam, nos seus ombros largos. Apesar da quantidade de tempo que têm passado juntos naquele inferno-na-terra que alguns georgianos chamam «a Viragem», Lilly tem evitado, escrupulosamente, atravessar quaisquer fronteiras de intimidade com Josh. É melhor manter a coisa platónica, irmão-e-irmã, melhores amigos, nada mais. É melhor manter a coisa estritamente dentro dos limites do trabalho... especialmente a meio desta praga.

Mas isso não tem impedido Lilly de fazer pequenos sorrisos de esguelha ao homenzarrão, quando ele lhe chama «namorada» ou «boneca»... ou de se certificar que ele consegue vislumbrar o caráter chinês tatuado acima do cóccix, à noite, quando se está a ajeitar no seu saco-cama. Está a chamar-lhe a atenção? Está a manipulá-lo para se sentir protegida? As perguntas retóricas permanecem sem resposta.

Para Lilly as brasas do medo constantemente latentes nas suas entranhas tinham cauterizado todas as questões éticas e matizes do comportamento social. De facto, o medo perseguira-a, umas vezes mais outras menos, durante a maior parte da sua vida — desenvolveu uma úlcera na escola secundária e teve de tomar medicamentos contra a ansiedade durante a sua abortada efetivação na Georgia Tech — mas agora ferve constantemente dentro dela. O medo envenena-lhe o sono, enubla-lhe os pensamentos, comprime-lhe o coração. O medo fá-la fazer coisas.

Agarra no martelo com tanta força que as veias se contorcem no punho.

— Isto não é ciência espacial *poramordedeus!* — vocifera ela, e por fim consegue controlar o martelo e enfia a estaca no solo por pura raiva. Agarra noutra estaca. Vai para o canto oposto da lona, e força o pedaço de metal através do tecido e dentro do solo martelando loucamente, selvaticamente, falhando marteladas ao bater. O suor surge-lhe no pescoço e na testa. Martela e torna a martelar. Perde o controlo sobre si própria por um instante.

Por fim, faz uma pausa, exausta, respirando com dificuldade, oleosa da transpiração.

— Está bem... essa é uma forma de fazer isso — diz Josh suavemente, erguendo-se, com um sorriso amarelo no rosto castanho cinzelado,

ao mesmo tempo que observa a meia dúzia de estacas que fixam a tenda ao solo. Lilly não diz nada.

Os zombies, vindo despercebidamente através das árvores para norte, estão agora a menos de cinco minutos de distância.

Nem um único dos sobreviventes companheiros de Lilly Caul — somando agora quase um cento, todos eles agrupando-se de má vontade para tentarem construir ali uma comunidade da ralé — se apercebe do único inconveniente fatal daquele lote de terra agrícola vazio, no qual tinham erigido as suas tendas improvisadas.

À primeira vista, a propriedade parece ser ideal. Situada numa área verdejante a oitenta quilómetros a sul da cidade — uma zona que normalmente produz milhões de quilos de pêsegos, peras e maçãs por ano —, a clareira fica numa bacia natural de gramíneas queimadas e terra batida. Abandonada pelos seus antigos proprietários — provavelmente os donos dos pomares vizinhos —, o talhão tem o tamanho de um campo de futebol. Caminhos de cascalho rodeiam a propriedade, ao longo dessas estradas serpenteantes apresentam-se densas paredes de pinheiros e carvalhos de folha perene que se estendem pelas encostas.

Na extremidade norte da pastagem estão os restos queimados e dizimados de uma grande casa senhorial, com as suas escurecidas empenas desenhando-se contra o céu como esqueletos petrificados, as janelas despedaçadas por um turbilhão recente. Ao longo dos últimos meses, os incêndios destruíram grandes porções dos subúrbios e quintas a sul de Atlanta. Em agosto, depois dos primeiros encontros de humanos com cadáveres andantes, o pânico que alastrara pelo Sul fizera estragos nas infraestruturas de emergência. Os hospitais ficaram superlotados e depois fecharam, os quartéis de bombeiros ficaram às escuras e a Interestadual 85 ficou entupida com destroços. As pessoas desistiram de apanhar estações nos seus rádios a pilhas e depois começaram à procura de mantimentos para saquear, lugares para rapinar, alianças para atacar e zonas nas quais se esconderem.

As pessoas que se juntaram naquela herdade abandonada encontraram-se ao longo das poeirentas estradas secundárias cruzando-se através do mosaico das quintas de tabaco e das faixas comerciais desertas dos condados de Pike, Lamar e Meriwether. Abarcando todas as idades, incluindo mais de uma dezena de famílias com crianças pequenas, o comboio de veículos engasgados e moribundos cresceu... até a necessidade de encontrar abrigo e espaço para respirar se tornou soberana.

Agora espalham-se pela parcela de mais de meio hectare de

terreno vazio como a reminiscência de algum bairro de lata do tempo da Depressão, alguns deles vivendo nos seus carros, outros escavando nichos nas ervas mais macias, uns quantos já abrigados em pequenas tendas em volta da periferia. Têm muito poucas armas de fogo e muito poucas munições. Instrumentos de jardinagem, equipamentos desportivos, material de cozinha — tudo comodidades da vida civilizada — servem agora como armas. Dezenas destes sobreviventes estão ainda a martelar estacas no solo frio e rugoso, trabalhando diligentemente, correndo contra um relógio invisível e não mencionado, lutando para erigirem os seus santuários improvisados — todos esquecidos do perigo que se aproxima por entre os pinheiros a norte.

Um dos colonos, um homem esguio na casa dos trinta, com um boné *John Deere* e um blusão de couro, está debaixo de um gigantesco estendal de lona, no centro da pastagem, com as suas feições esculpidas ensombradas pelo desmesurado tecido da tenda. Supervisiona um grupo de adolescentes carrancudos agrupados sob a lona.

— Vamos lá, meninas, ponham o rabo para cima! — vocifera ele, gritando sobre o ruído do metal a retinir, que enche o ar gélido.

Os adolescentes seguraram uma viga de madeira maciça, que serve como mastro central do que, no essencial, é uma grande tenda de circo. Encontraram a tenda na I-85, atirada para uma vala junto de um camião virado, com os sinais desbotados de um palhaço gigante gravado a tinta no corpo do veículo. Formando uma circunferência de mais de uma centena de metros, a grande lona manchada e esfarrapada — que cheira a bolor e fezes de animais — surgiu ao homem com o chapéu *John Deere* como a cobertura perfeita para uma área comum, um lugar para guardar provisões, um lugar para manter a ordem, um lugar para conservar alguma coisa que se assemelhasse a civilização.

— Ei... isto não vai aguentar o peso — queixa-se um dos adolescentes, um miúdo mais indolente com um casaco de farda de trabalho do exército chamado Scott Moon. Os cabelos compridos suspendem-se-lhe no rosto e a sua respiração torna-se ofegante, ao mesmo tempo que implica e luta com os outros miúdos góticos, tatuados e furados com *piercings*, da sua escola secundária.

— Parem de se chatear e lamentar, isso vai aguentar a coisa — replica o homem do boné, com um resmungo. O seu nome é Chad Bingham, um dos chefes de família do acampamento, pai de quatro raparigas: uma de sete anos, duas gémeas de nove e uma adolescente. Com um casamento infeliz com uma rapariga dócil de Valdosta, Chad fantasia ser um disciplinador severo, tal como o pai. Mas o pai só teve rapazes e nunca lidou com os disparates perpetrados por mulheres. Mas também, o pai

de Chaddy nunca teve de lidar com bolsas de pus podre e carne morta a correrem atrás dos vivos. Assim, agora Chad Bingham está a assumir o comando, a assumir o papel do macho... porque, tal como o seu pai costumava dizer, *Alguém tem de o fazer*. Olha fixamente para os miúdos. — Mantenham-na firme!

— Isto já está quase nas nuvens — resmunga um dos rapazes góticos entre dentes.

— Nas nuvens estás tu! — graceja Scott Moon por entre uma pequena gargalhada abafada.

— Mantenham-na firme! — ordena Chad.

— O quê?

— Eu disse, mantenham essa maldita coisa FIRME! — Chad fez saltar uma cavilha de metal através de uma abertura na madeira. As paredes exteriores do grande pavilhão de lona estremecem ao vento outonal, produzindo um estrondo, enquanto os outros adolescentes correm na direção dos cantos mais distantes com barrotes de apoio mais pequenos.

À medida que a grande tenda toma forma e o panorama da clareira se torna visível a Chad através da grande abertura da tenda numa das extremidades, ele olha através das ervas achatadas e castanhas da pastagem, para lá dos carros com os capôs levantados, para lá dos aglomerados de mães e filhos pelo chão, contando as suas magras provisões de bagas e restícios das máquinas de venda automática, para lá da cerca de meia dúzia de carrinhas a transbordar de pertences mundanos.

Por um momento, Chad cruza o olhar com o tipo grande, de cor, a trinta metros de distância, junto ao canto norte da propriedade, montando guarda a Lilly Caul como um segurança gigantesco à porta de um clube. Chad conhece Lilly de nome, mas é tudo. Não sabe muito mais sobre a rapariga — além do facto de ela ser “uma miúda que é amiga de Megan” — e sabe ainda menos acerca do homenzarrão. Chad tem estado não muito longe do gigante há semanas e nem sequer consegue lembrar-se do seu nome. Jim? John? Jack? Na realidade, Chad não sabe nada acerca de nenhuma daquelas pessoas, a não ser o facto de elas estarem completamente desesperadas e assustadas e a clamarem por disciplina.

Mas, agora, já há algum tempo que Chad e o preto grande têm trocado olhares carregados. Avaliando-se um ao outro. Tirando as medidas um ao outro. Nem uma só palavra foi trocada, mas Chad sente desafios no ar. O homenzarrão poderia provavelmente levar Chad a uma situação de cara a cara, mas Chad nunca deixaria que se chegasse a esse ponto. O tamanho não conta para uma bala de calibre 38, que está convenientemente alojada na câmara da *Smith & Wesson* modelo 52, revestida de aço, enfiada na parte de trás do largo cinturão *Sam Browne* de Chad.

Nesse preciso momento, porém, uma inesperada corrente de reconhecimento estabelece um arco através dos cinquenta metros entre os dois homens, como um relâmpago. Lilly continua ajoelhada diante do negro, batendo furiosamente nas estacas da tenda, mas alguma coisa obscura e perturbadora subitamente cintila no olhar do tipo negro enquanto olha para Chad. A compreensão depressa chega, por fases, como a ignição de um circuito elétrico.

Mais tarde, os dois homens concluirão, cada um por si, que — juntamente com todos os outros — perderam dois fenómenos muito importantes que nesse momento ocorriam. Em primeiro lugar, o ruído da construção da tenda, na clareira, atraía caminhantes ao longo da última hora. Em segundo lugar, e talvez mais importante, a propriedade é prejudicada por uma única, mas crítica, imperfeição.

Posteriormente, os dois homens perceberão, para si próprios, com grande pesar, que, devido à barreira natural providenciada pela floresta adjacente, que chega até à crista da encosta vizinha, qualquer som natural por trás das árvores é amortecido, abafado, quase emudecido pela topografia.

De facto, poderia vir uma banda filarmónica sobre o topo desse planalto sem que nenhum colono ouvisse até os pratos lhe atoaresem mesmo diante do rosto.

Lilly Caul permanece alegremente inconsciente do ataque durante vários minutos — apesar do facto de as coisas começarem a manifestar-se em redor de si a um ritmo muito rápido; o ruído dos martelos a baterem e das vozes é substituído pelos gritos entrecortados das crianças. Lilly continua a espetar furiosamente estacas no solo — tomando erradamente os uivos dos mais novos por brincadeiras — mesmo até ao momento de Josh a agarrar pela gola do camisolão.

— O que... — Lilly dá um salto de surpresa, virando-se para o homenzarrão de olhos a piscar.

— Lilly, temos de...

Josh mal acaba de articular a primeira parte da frase quando uma figura escura tomba das árvores a uns cinco metros de distância. Josh não tem tempo para correr, nem tempo para salvar Lilly, não tem tempo para fazer mais do que arrebatá-lo o martelo da mão da jovem e de a empurrar para longe do caminho do mal. Lilly tomba e rola quase instintivamente, antes de se recompor e de se erguer com um grito preso no fundo da garganta.

O problema é que o primeiro cadáver que entra a cambalear na

clareira — um caminhante alto, de cor pastosa com uma bata de hospital nojenta e sem metade de um ombro, os cordões dos tendões a latejarem como vermes — é seguido por duas outras criaturas. Uma feminina e outra masculina, cada uma delas com uma abertura escavada em vez de boca, de lábios exangues a escorrerem bÍlis negra, olhos fixos e vidrados.

Os três rolam no seu caracterÍstico andamento espasmódico, maxilares a baterem, a pele dos lábios a cair-lhes por ação dos dentes escurecidos, como piranhas. Nos vinte segundos que os três caminhantes demoram a rodear Josh, a cidade-acampamento passa por uma rápida e dramática mudança. Os homens saltam em busca das suas armas caseiras, aqueles que possuem ferro alcançam os seus coldres improvisados. Algumas das mulheres mais audazes gatinham em busca de madeiros, ganchos, forquilhas e machados ferrugentos. As que cuidam de crianças pequenas varrem-nas para dentro dos carros e das cabinas dos camiões. Punhos cerrados batem nas trancas das portas. Plataformas de carregamento traseiras atroam ao serem içadas e fechadas.

Estranhamente, os poucos gritos que ressoam — sobretudo das crianças e de um par de mulheres idosas que podem ou não estar num estado inicial de senilidade — diminuem rapidamente, substituídos pela calma misteriosa de uma equipa de brocagem ou de uma milÍcia provisória. Nesse período de vinte segundos, o ruído da surpresa rapidamente se transforma na ocupação com a defesa, na repulsão e raiva canalizadas para uma violência controlada.

Esta gente já fez isto antes. Há aqui uma curva de aprendizagem. Alguns dos homens armados espalham-se em direção aos limites do acampamento, tranquilamente brandindo martelos, metendo cartuchos nas culatras das caçadeiras, erguendo a ponta de pistolas de torneio roubadas ou enferrujados revólveres de família. O primeiro disparo a retinir é o estouro seco de uma *Ruger* de calibre 22 — de modo nenhum a mais poderosa das armas, mas precisa e fácil de disparar — e a explosão tira o topo do crânio a uma mulher morta a trinta metros de distância.

A mulher mal sai de entre as árvores antes de se dobrar até ao solo num batismo de gorduroso fluido craniano, que escorre sobre ela em grossos fios. Esta baixa ocorre dezassete segundos após o ataque. Ao vigésimo segundo, as coisas começam a acontecer a um ritmo mais rápido.

No canto norte do lote, Lilly Caul dá por si em movimento, erguendo-se na bola que são os seus pés, avançando com a rigidez lenta e incerta dos sonâmbulos. O instinto vence, e dá por si quase involuntariamente a recuar para longe de Josh, que é rapidamente rodeado por três cadáveres. Ele tem um martelo. Não tem nenhuma arma de fogo. E as três bocas purulentas, cheias de dentes negros, aproximam-se cada vez mais.

Josh rodopia na direção do zombie mais próximo enquanto o resto do acampamento se dispersa. Impulsiona a extremidade aguçada do martelo através da testa da Bata de Hospital. Os estalos trazem à memória o barulho de tirar gelo de uma cuvette. A massa cerebral esguicha, o sopra da podridão pressurizada é libertada num arquejo audível, enquanto o antigo paciente cai sobre si.

O martelo fica preso, sendo arrancado da grande mão de Josh à medida que o caminhante se dobra.

Ao mesmo tempo, outros sobreviventes espalham-se por todos os cantos da clareira. Na extremidade mais distante do arvoredo, Chad ergue a sua *Smith* chapeada de aço e, rugindo, atinge a órbita de um velho alto e magro a quem falta metade do maxilar, o geriatra morto ficando a girar numa névoa de fluidos rançosos, precipitando-se a espernear sobre as ervas. Por trás de uma linha de carros, um mastro de tenda espeta uma fêmea rugidora através da boca, fixando-a ao tronco de um carvalho. No limite leste da pastagem, um machado abre um crânio podre com a facilidade que se divide uma romã ao meio. A vinte metros de distância, a explosão de uma caçadeira desfaz a folhagem bem como a metade superior de um antigo homem de negócios putrefacto.

Do outro lado do terreno, Lilly Caul — ainda a recuar para longe da emboscada que envolve Josh — soluça e treme perante a balbúrdia assassina. O medo formiga na sua carne como agulhas, tirando-lhe o fôlego e tomando-lhe o cérebro. Ela vê o grande homem negro agora de joelhos a tentar agarrar o martelo, enquanto os outros dois caminhanes se arrastam como aranhas, através da tenda caída, em direção às suas pernas. Um segundo martelo jaz na relva, mesmo fora do seu alcance.

Lilly vira-se e corre.

Demora menos de um minuto a cobrir o terreno entre a fileira mais exterior de tendas e o centro da pastagem, onde duas dezenas de almas mais fracas se aninham entre caixotes e provisões arrumados sob a tenda de circo parcialmente erguida. Vários veículos tinham-se posto em movimento e estão agora a chegar junto do amontoado de gente, envoltos em nuvens de monóxido de carbono. Homens armados na traseira de um camião guardam as mulheres e crianças, ao mesmo tempo que Lilly se baixa atrás de um amassado baú de porão, os pulmões a arfar em busca de ar e a pele arrepiada pelo terror.

Fica assim enquanto dura o ataque, as mãos sobre os ouvidos. Não vê Josh junto da linha das árvores, a colocar a mão em volta do martelo espetado no cadáver tombado, torcendo-o até o libertar no último instante e fazendo-o oscilar em direção ao atacante mais próximo. Não vê a extremidade embotada do martelo atingir a mandíbula do zombie

masculino reduzindo a metade o crânio pútrido com a força tremenda do golpe de Josh. E Lilly perde a última parte da luta; perde a fêmea quase a pôr os seus incisivos negros em redor do tornozelo de John antes de uma pá descer sobre a sua nuca. Diversos homens alcançaram Josh a tempo de despachar o último zombie, e Josh afasta-se, ileso, porém a tremer com a adrenalina e os tremores de um quase acidente.

Todo o ataque — agora dominado e a afastar-se com um suave zumbido de um choro de crianças, fluidos gotejantes e a emanção de gases de decomposição — decorreu em menos de cento e oitenta segundos.

Mais tarde, arrastando os restos para o leito seco de um riacho, para sul, Chad e os cães alfa seus companheiros contaram vinte e quatro caminhantes ao todo — um nível de ameaça totalmente controlável... pelo menos por agora.

— Meu Deus, Lilly, porque não engoles em seco e vais pedir desculpa ao homem? — A jovem chamada Megan está sentada num cobertor fora da tenda do circo, olhando para o pequeno-almoço intacto diante de Lilly.

O Sol acabara de nascer, pálido e frio no céu limpo — mais um dia na cidade-acampamento — e Lilly está sentada em frente de um amassado fogão *Coleman*, bebericando goles de café instantâneo por um copo de papel. Os restos de ovos secos congelados jazem na frigideira do acampamento, enquanto Lilly tenta sacudir as ruminções de culpa de uma noite sem dormir. Neste mundo não há descanso para os fatigados *ou* para os cobardes.

Em redor da grande tenda de circo esfarrapada — agora totalmente montada — a azáfama dos outros sobreviventes continuava a zumbir, quase como se o ataque do dia anterior nunca tivesse acontecido. As pessoas transportam cadeiras de dobrar e mesas de campismo para a grande tenda, através da larga abertura numa das extremidades (provavelmente, um dia a entrada de elefantes e carros de palhaços), enquanto os panos exteriores da tenda palpitam com a inconstância das brisas e as mudanças de pressão do ar. Noutras partes do acampamento há outros abrigos em construção. Os pais estão a juntar-se e a fazer o inventário da lenha, da água engarrafada, das munições, armas e comida enlatada. As mães tratam das crianças, dos cobertores, casacos e medicamentos. Após atenta análise, um observador veria uma camada finamente velada de ansiedade em todas as atividades. Mas o que é incerto é o perigo que coloca a ameaça maior: os mortos-vivos ou o inverno que avança.

— Ainda não decidi o que dizer — diz Lilly por fim, entre dentes, bebericando o café morno. As suas mãos não pararam de tremer.

Passaram dezoito horas desde o ataque, mas Lilly ainda arde em vergonha, evitando o contacto com Josh, contendo-se, convencida de que ele a odeia por ter fugido, abandonando-o à morte. Josh tentara falar com ela algumas vezes, mas ela não conseguiu lidar com a situação, dizendo-lhe que estava doente.

— O que há para dizer? — Megan pesca dentro do blusão de ganga um pequeno forninho para fumar. Ela calca uma porção de erva na extremidade e acende-a com um *Bic*, tirando uma passa. Uma mulher jovem de pele cor de azeitona, na casa dos vinte, com caracóis soltos cor de hena a caírem-lhe em redor do pescoço, rosto astuto, ela expira o fumo verde, tossindo. — Quer dizer, olha para aquele tipo, é enorme.

— Que raio significa isso?

Megan sorri.

— Que o tipo tem ar de quem sabe cuidar de si, é a única coisa que estou a dizer.

— Isso não tem nada a ver.

— Não andas a dormir com ele?

— O quê? — Lilly olha para a amiga. — Estás a falar a sério?

— É uma simples pergunta.

Lilly abana a cabeça e suspira.

— Nem sequer me vou dignar a...

— Não andas... pois não? Pequena-e-doce-Lilly. Boa até à última gota.

— Paras com isso?

— Porquê, então? — O sorriso de Megan transforma-se em careta. — Porque não trepaste para cima dele? Estás à espera de quê? Aquele corpo... aquelas armas que ele tem...

— Para! — A ira de Lilly chameja, uma dor aguda e intensa por trás da cana do nariz. As suas emoções à superfície, a sua réplica trémula, surpreende-se até a si mesma com o volume da sua voz. — Não sou como tu... tudo bem. Não sou lá muito social. Meu Deus, Meg. Perdi-me. Com qual destes tipos é que estás agora?

Megan fita-a por um segundo, tosse, depois enche outra vez o forninho.

— Sabes que mais? — Megan oferece o cachimbo. — Porque não te acalmas um pouco? Relaxas?

— Não, obrigada.

— É bom para o que te aflige. Vai matar esse bichinho que se meteu pelo teu rabo.

Lilly esfrega os olhos, abana a cabeça.

— És cá uma miúda e tanto, Meg.

Megan engole mais uma passa, depois expela o fumo.

— Prefiro ser uma miúda e tanto do que uma miúda de merda.

Lilly não diz nada, apenas continua a abanar a cabeça. A triste verdade é que Lilly por vezes se pergunta se Megan Lafferty não é exatamente isso — uma miúda de merda. As duas raparigas conhecem-se desde o último ano na Sprayberry High School, em Marietta. Nessa altura, eram inseparáveis, repartindo tudo, desde o trabalho de casa aos namorados, passando pelas drogas. Mas depois Lilly optou pela carreira do *design* e passou dois anos de purgatório no Massey College of Business em Atlanta, seguindo depois para a Georgia Tech para fazer um MBA que nunca haveria de terminar. Queria ser *designer* de moda, talvez dirigir um negócio de roupa, mas apenas chegou ao átrio de receção da primeira entrevista — uma residência muito cobiçada na Mychael Knight Fashions — antes de perder a coragem e fugir. O seu velho companheiro, o medo, acabou com todos os seus planos.

O medo fê-la fugir daquele pródigo átrio e desistir, voltar para a sua casa em Marietta e retomar o estilo de vida mais indolente com Megan, passando-se, ficando sentada em sofás, e vendo reedições de *Project Runway*. Porém, alguma coisa se alterara entre as duas mulheres nos últimos anos, alguma coisa essencialmente química — Lilly senti-a tão forte como uma barreira linguística. Megan não tinha ambição, nem rumo, nem foco, e sentia-se bem assim. Mas Lilly ainda albergava sonhos — sonhos nados-mortos, talvez, mas sonhos apesar de tudo. Ansiava, secretamente, por ir para Nova Iorque ou iniciar um sítio na Rede ou voltar àquele rececionista na Mychael Knight e dizer: «Ups, desculpem, só tive de ir ali durante ano e meio...»

O pai de Lilly — um professor de Matemática reformado, viúvo, chamado Everett Ray Caul — sempre encorajou a filha. Everett era um homem bom, solícito, que tomou sobre os seus ombros, após a lenta morte da sua mulher de cancro da mama, em meados dos anos noventa, a tarefa de criar a sua única filha com o toque de ternura. Ele sabia que ela queria mais da vida, mas também sabia que ela precisava de um amor incondicional, precisava de uma família, precisava de um lar. E Everett era a única pessoa que ela tinha. Tudo coisas que tornaram infernais, para Lilly, os acontecimentos dos últimos meses.

O primeiro surto de caminhantes atingiu duramente a parte norte do Condado de Cobb. Vinham de zonas de trabalhadores, dos parques industriais a norte das florestas de Kennesaw, alastrando pela população como células malignas. Everett decidiu fazer as malas de Lilly e fugiram na sua gasta carrinha VW; chegaram tão longe quanto a U.S. 41, antes de os destroços lhes terem abrandado o passo. Encontraram um autocarro

disfarçado a quilómetro e meio dali — balançando pelas ruas secundárias, para trás e para a frente, apanhando sobreviventes — e quase conseguiram subir. Ainda hoje, a imagem do pai a empurrá-la através das portas articuladas do autocarro a fecharem-se, ao mesmo tempo que os zombies se aproximavam, assombra os sonhos de Lilly.

O velho salvara-lhe a vida. Ele bateu com aquela porta de harmónio atrás dela no último instante possível, e escorregou para o pavimento, já sob o domínio de três canibais. O sangue do velho espalhou-se pelo vidro à medida que o autocarro disparava dali, com Lilly aos gritos até que as cordas vocais se fecharam. Ficou então numa espécie de estado catatónico, enrolada numa posição fetal sobre um dos lugares, fitando a porta manchada de sangue o caminho todo até Atlanta.

Constituiu um pequeno milagre, Lilly ter encontrado Megan. Nessa fase do surto, os telemóveis ainda funcionavam, e ela conseguiu marcar um encontro com a amiga nos arredores do Aeroporto de Heartsfield. As duas mulheres partiram a pé, à boleia, para sul, esgueirando-se para casas abandonadas, concentrando-se apenas na sobrevivência. A tensão entre as duas intensificou-se. Cada uma parecia querer compensar de modo diferente o terror e a perda. Lilly virou-se para dentro. Megan seguiu na outra direção: passava a maior parte do tempo a falar constantemente, a correr o ferrolho em relação a qualquer outro viajante que cruzasse o seu caminho.

Atrelaram-se a uma caravana de sobreviventes a quarenta e cinco quilómetros a sudoeste de Atlanta — três famílias de Lawrenceville, viajando em duas carrinhas. Megan convenceu Lilly de que a quantidade dava segurança, e Lilly concordou em viajarem com eles durante algum tempo. Manteve-se metida consigo mesma ao longo das semanas seguintes de ziguezagues através da cintura de pomares, mas Megan em breve teve desígnios em relação a um dos maridos. O seu nome era Chad e tinha um jeito de durão à moda antiga, com a sua dose de *Copenhagen*² sob o lábio e as tatuagens da marinha nos braços musculados. Lilly ficou estarrecida por ver o namoro a tomar forma no meio daquele pesadelo acordado, e não demorou muito para que Megan e Chad comesçassem a esgueirar-se para as sombras dos edifícios onde paravam para descansar para se «aliviarem». O fosso entre Lilly e Megan escavou-se mais.

Foi precisamente nesta altura que Josh Lee Hamilton entrou na fotografia. Uma tarde, perto da hora do pôr do Sol, a caravana ficara sitiada por um bando de mortos num parque de estacionamento de um armazém da Kmart, quando o colosso afro-americano foi resgatá-los

² Marca americana de tabaco para mascar. [N. do T.]

vindo das sombras do cais de carregamento. Chegou como um gladiador mouro, brandindo duas enxadas de jardinagem ainda com as etiquetas do preço a esvoaçarem ao vento. Facilmente despachou a meia dúzia de zombies, e os membros da caravana agradeceram-lhe profusamente. Ele mostrou ao grupo um par de caçadeiras completamente novas que estavam nas alas de trás do armazém, bem como material de campismo.

Josh guiava um motociclo, e depois de ajudar a carregar as carrinhas com mantimentos, decidiu juntar-se ao grupo, seguindo-o na sua moto à medida que a caravana abria caminho até mais perto do mosaico de pomares abandonados do Condado de Meriwether.

Agora, Lilly começara a lamentar o dia em que concordou em viajar no assento de trás daquela grande *Suzuki*. Era a sua ligação ao homen-zarrão simplesmente uma projeção da sua dor pela perda do pai? Era um desesperado ato de manipulação no meio de um terror sem fim? Era tão vulgar e transparente como a promiscuidade de Megan? Lilly perguntava-se se o seu ato de cobardia — abandonando Josh em pleno campo de batalha, no dia anterior — seria subconsciente, doentio, obscuro, de profecia autorrealizada.

— Ninguém disse que és uma miúda de merda, Megan — diz Lilly por fim, numa voz constrangida e pouco convincente.

— Não tens de dizer isso. — Megan bate com irritação o cachimbo no fogão. Impulsiona-se para se pôr de pé. — Já disseste o suficiente.

Lilly ergue-se. Já se acostumou a estas súbitas mudanças de humor da amiga.

— Qual é o teu problema?

— Tu... tu és o meu problema.

— De que raio estás tu a falar?

— Esquece, já nem consigo aturar isto — diz Megan. O tom pesado da sua voz é filtrado pelo zumbido áspero da erva a fazer efeito. — Desejo-te sorte, menininha... vais precisar dela. — Megan dispara em direção à fiada de carros na orla leste da propriedade.

Lilly observa a amiga desvanecer-se atrás de um reboque alto carregado de caixas de cartão. Os outros sobreviventes quase não dão conta do desaguizado entre as duas raparigas. Umas quantas cabeças voltaram-se, trocaram-se alguns sussurros, mas a maior parte dos colonos continuou a ocupar-se na tarefa de reunir e contar os mantimentos, de expressões contraídas pela tensão nervosa. O vento cheira a metal e chuva de gelo. Há uma frente fria em crescimento.

Olhando através da clareira, Lilly dá por si momentaneamente paralisada por toda aquela atividade. A área parece uma feira da ladra apinhada, com compradores e vendedores, gente a comerciar mantimentos,

a empilhar barrotes de madeira e a conversar ociosamente. Pelo menos vinte tendas mais pequenas bordam agora a periferia da propriedade, umas quantas cordas de roupa casualmente estendidas entre as árvores, roupa salpicada de sangue tirada aos caminhantes, nada é desperdiçado, a ameaça do inverno é agora um constante motivador. Lilly vê crianças a saltarem à corda junto de um camião, uns quantos rapazes a pontapearem uma bola de futebol. Vê um lume a arder num churrasco, a névoa do fumo a elevar-se sobre os tejadilhos dos carros estacionados. O ar cheira fortemente a gordura de bacon e fumo de noqueira, um odor que, em qualquer outro contexto, poderia sugerir dias indolentes de verão, festas nas traseiras, jogos de futebol, petisqueiras no quintal, reuniões de família.

Uma maré de horror negro cresce em Lilly à medida que ela perscruta a agitação do pequeno aldeamento. Vê os miúdos a fazerem travessuras... e os pais a trabalharem para fazerem com que o local funcione... todos eles ração para zombies... e de imediato Lilly sente a pontada de discernimento... um sobressalto de realidade.

Ela vê agora, claramente, que aquelas pessoas estão condenadas. Aquele grandioso plano de construir uma cidade-acampamento nos campos da Geórgia não vai funcionar.

DOIS

No dia seguinte, sob um céu cor de estanho, Lilly brinca com as meninas Bingham na frente da tenda de Chad e Donna Bingham, quando um rangido ecoa sobre as árvores ao longo do acesso constituído por uma estrada de terra. O som imobiliza metade dos colonos na área, rostos virados de imediato na direção do ruído de um motor que se aproximava, que geme engatado numa mudança baixa.

Poderia ser qualquer um. A notícia espalhou-se através da terra infestada de bandidos que pilhavam os vivos, bandos de vagabundos pesadamente armados rapinando tudo aos sobreviventes, incluindo os sapatos que traziam calçados. Vários dos veículos dos colonos estão, atualmente, em missão de reconhecimento e limpeza, mas nunca se sabe.

Lilly desvia o olhar do jogo da macaca das meninas — os quadrados foram riscados num pequeno espaço vazio de barro laranja-avermelhado com um pau — e as miúdas Bingham todas se imobilizam a meio do salto. A mais velha, Sarah, dispara um olhar na direção da estrada. Uma miúda magricelas com um macacão de ganga desbotada, de olhos azuis inquisitivos, Sarah, de quinze anos, a inteligente líder das quatro irmãs, diz suavemente:

— Aquilo é...

— Está tudo bem, querida — diz Lilly. — De certeza que é um dos nossos.

As três irmãs mais novas começam a girar o pescoço à procura da mãe.

Donna Bingham está atualmente fora de vista, a lavar a roupa num alguidar de chapa galvanizada, nas traseiras da grande tenda de campismo da família, que Chad Bingham montou com todo o amor há quatro dias, equipando-a com catres de alumínio, material de refrigeração, aberturas para ventilação, e um leitor de DVD a pilhas com uma

biblioteca de material infantil, como *A Pequena Sereia* e *Toy Story 2*. O ruído do arrastar dos pés de Donna Bingham pode ser ouvido a vir em redor da tenda enquanto Lilly reúne as crianças.

— Sarah, vai buscar Ruthie — diz Lilly calma mas firmemente, quando o barulho do motor encurta a distância e o vapor do óleo queimado se eleva acima da linha das árvores. Lilly ergue-se e rapidamente se precipita sobre as gémeas. Mary e Lydia, de nove anos, são pequenos anjos idênticos com casacos e tranças louras iguais. Lilly conduz as pequenas em direção à aba solta da tenda, enquanto Sarah recolhe Ruthie, de sete anos — um adorável duende com caracóis à Shirley Temple suspensos sobre a gola do seu minibusão de esquiar.

Donna Bingham aparece à esquina da tenda mesmo no momento em que Lilly introduz as gémeas pela abertura.

— O que se passa? — A mulher pardacenta, de blusão de lona, tem o ar de quem pode ser levado por uma ventania mais forte. — Quem é? São vagabundos? É um estranho?

— Nada que dê preocupações — diz-lhe Lilly, mantendo aberta a aba da tenda para que as quatro raparigas se enfileirem nas sombras. Nos cinco dias desde que o contingente de colonos ali chegou, Lilly tornou-se a *babysitter* oficial, vigiando diversos grupos de prole, enquanto os pais saem em missão de limpeza ou passeiam ou apenas se agarram a um momento solitário. Ela está contente pela distração, especialmente agora que a vigilâncias das crianças lhe oferece uma desculpa para evitar todo o contacto com Josh Lee Hamilton.

— Fique só na tenda com as meninas até sabermos quem é.

Donna Bingham fica contente por se fechar no interior da tenda com as filhas.

Lilly rodopia na direção da estrada e vê a grelha familiar de um camião *Harvester* de quinze velocidades materializar-se por entre uma névoa de fumo de madeira na extremidade mais distante da estrada — fazendo a curva com arquejos de exaustão —, provocando uma onda de alívio em Lilly. Ela sorri, apesar dos nervos, e começa a dirigir-se para o terreno vazio na orla oeste do campo, que serve como zona de carregamento. A ferrugenta carrinha de braço articulado retine pelas ervas e imobiliza-se com um estremeção, os três adolescentes que viajam atrás com os caixotes amarrados com cordas quase tombando para a frente contra a cabina esburacada.

— Lilly Marlene! — grita o condutor pela janela aberta da cabina à medida que Lilly se aproxima da frente da carrinha. Bob Stookey tem umas grandes mãos oleosas — as mãos de um trabalhador — apertadas sobre o volante.

— Qual é a ementa para hoje, Bob? — diz Lilly com um vago sorriso.
— Mais *Twinkies*?

— Oh, hoje temos toda uma escolha gourmet com todos os tipos de guarnição, irmãzinha. — Bob empina o seu rosto profundamente marcado na direção do pessoal das traseiras. — Encontrei um estabelecimento abandonado, apenas um par de caminhantes para tratar da saúde... fugiram como bandidos.

— Conta.

— Vejamos... — Bob faz saltar a alavanca das mudanças para a posição de estacionamento e mata o roncar do motor. Com uma pele da cor do couro curtido pelo sol, com círculos vermelhos em volta dos olhos descaídos, Bob Stookey é um dos últimos homens no New South que ainda usa brilhantina para pentear o seu cabelo preto sobre a sua empenada cabeça. — Arranjei madeiros, sacos-cama, ferramentas, fruta enlatada, lanternas, cereais, aparelhos para ouvir a meteorologia, pás, carvão... que mais? Também tenho um monte de panelas e frigideiras, alguns tomateiros — ainda com alguns tomates verrugosos nos ramos —, algumas garrafas de gás butano, quarenta litros de leite que passou o prazo apenas há duas semanas, algum desinfetante para as mãos, *Sterno*³, sabão para a roupa, barras de chocolate, papel higiênico, um *Chia Pet*⁴, um livro sobre agricultura orgânica, um peixe cantante⁵ para a minha tenda, e uma perdiz numa pereira⁶.

— Bob, Bob, Bob... nenhuma *Ak-47*? Nenhuma dinamite?

— Arranjei uma coisa melhor, cuecas giras. — Bob alcança uma caixa de pêssegos pousada no lugar do lado. Entrega-a a Lilly pela janela. — Sê uma querida e põe isto na minha tenda enquanto ajudo estes três duques lá atrás com o material mais pesado.

— O que é isto? — Lilly olha para a caixa cheia de ampolas de plástico e garrafas.

— Medicamentos. — Bob abre a porta e salta para fora da carrinha. — É preciso manter isso em segurança.

Lilly repara em meia dúzia de garrafas de meio litro de bebidas alcoólicas metidas entre os anti-histamínicos e a codeína. Levanta os olhos para Bob e fita-o de uma certa maneira.

³ Marca de combustível enlatado à base de etanol que serve, por exemplo, para aquecer comida. [N.do T.]

⁴ Figuras de terracota utilizadas na germinação de sementes de sálvia. [N. do T.]

⁵ Representação de um peixe aplicado sobre madeira, para pendurar, com um dispositivo que produz som na parte de trás. [N. do T.]

⁶ Alusão a uma canção tradicional de Natal, muito antiga, de estrutura repetitiva e cumulativa, que alude aos presentes pedidos e cujas estrofes terminam sempre com o pedido «And a partridge in a pear tree». [N. do T.]

— Medicamentos?

Ele sorri.

— Sou um homem muito doente.

— Diria que sim — comenta Lilly. Já conhece o suficiente sobre o passado de Bob para saber que, tirando o facto de ser uma alma perdida, doce, cordial, bem como antigo médico do exército — o que faz dele o único habitante da cidade-acampamento com alguma preparação médica —, é também um bêbedo inveterado.

Nos primeiros tempos da amizade entre ambos, quando Lilly e Megan estavam ainda na estrada, e Bob as ajudara a sair de um sarilho numa pastagem para descanso apinhada de zombies, Bob esforçara-se inutilmente para esconder o seu alcoolismo. Mas quando o grupo se instalara ali, naquela pastagem abandonada, havia cinco dias, Lilly começara a ajudar regularmente Bob a regressar, à noite, cambaleante mas em segurança, à sua tenda, assegurando-se de que ninguém o roubava — o que era uma ameaça real num grupo daquele tamanho e variedade, e tão cheio de tensões. Ela gostava de Bob, e não se importava de tomar conta dele, bem como dos mais pequenos. Mas isso também acrescentava uma camada de stresse adicional de que Lilly precisava tanto como de um clister.

Naquele momento, de facto, ela percebe que ele precisa de mais alguma coisa dela. Pode perceber pela forma como ele limpa a boca pensativamente com a sua mão suja.

— Lilly, há uma outra coisa que eu queria... — Ele interrompe-se e engole em seco embaraçadamente.

Ela suspira.

— Deita lá isso para fora, Bob.

— Não é nada da minha conta... tudo bem. Só queria dizer... aa, raios. — Inspira fundo. — Josh Lee, ele é bom tipo. Eu visito-o de vez em quando.

— Sim... e?

— Só estou a dizer.

— Continua.

— Só estou... escuta... ele não se sente nada bem neste momento, está bem? Ele pensa que estás magoada com ele.

— Ele pensa que estou o quê?

— Ele pensa que estás zangada com ele por alguma razão e ele não sabe bem porquê.

— O que disse ele?

Bob encolhe os ombros.

— Não é nada que me diga respeito. Não sou exatamente parte interessada... Não sei, Lilly. Ele só deseja que não o ignores.

— Não ignoro.
Bob olhou para ela.
— Tens a certeza?
— Bob, estou a dizer-te...
— Tudo bem, olha... — Bob sacode a mão nervosamente. — Não estou a dizer-te o que fazer. Só acho que duas pessoas como vocês, boa gente, é uma pena ser assim, sabes, nestes tempos... — A voz esmorece-lhe. Lilly fica mais doce.
— Aprecio o que estás a dizer, Bob, a sério.
Baixa os olhos.
Bob franze os lábios, pensa no assunto de novo.
— Vi-o hoje cedo, perto da pilha de troncos, a partir lenha como se fosse passar de moda.

A distância entre a zona de carregamento e a pilha de madeiros mede menos de uma centena de metros, mas atravessá-la parece a Lilly como a Marcha da Morte de Bataan⁷.

Ela caminha lentamente, cabisbaixa, as mãos enfiadas nos bolsos das calças para esconder as tremuras. Tem de passar através de um grupo de mulheres que arrumam roupas em malas, rodear a extremidade da tenda de circo, desviar-se de um grupo de rapazes que consertam uma prancha de skate partida, e dar largo espaço a um aglomerado de homens que inspecionam uma fiada de armas espalhadas sobre um cobertor no chão.

Ao passar pelos homens — que incluía Chad Bingham no seu número, chamando a atenção sobre si como um cacique despótico —, Lilly dá uma olhadela às pistolas manchadas, onze ao todo, de diferentes calibres, características e modelos, muito bem arrumadas como pratas num aparador. O par de caçadeiras de calibre 12, da Kmart, também ali estava. Apenas onze pistolas e as caçadeiras, e um número limitado de munições — a totalidade do arsenal dos colonos — agora apresentadas como um fino véu de defesa entre os campistas e a calamidade.

O pescoço de Lilly arrepia-se e fica em pele de galinha ao passar, o medo abre-lhe um buraco de fogo nas entranhas. As tremuras aumentam. Sente-se como se estivesse com febre. Tremer sempre fora um problema para Lilly Caul. Ela recorda-se de quando teve de fazer uma apresentação para o comité de admissão da Georgia Tech. Tinha as notas em

⁷ Referência à terrível e penosa viagem feita por cerca de 75.000 soldados americanos e filipinos, feitos prisioneiros pelos Japoneses na Batalha de Bataan (II Guerra Mundial), até um campo de prisioneiros, durante a qual morreram cerca de 12.000. [N. do T.]

cartões indexados e ensaiara durante semanas. Mas quando se levantou diante daqueles professores do quadro, naquela sala de reuniões abafada, na North Avenue, tremeu tanto que deixou cair o maço de cartões no chão e sufocou por completo.

Sente neste momento o mesmo tipo de tensão nervosa — multiplicada mil vezes — à medida que se aproxima da vedação partida que se estende ao longo do limite ocidental da propriedade. Sente o rosto e as mãos dentro dos bolsos a tremerem, estas tão intensamente agora que os tremores parecem estar prestes a apanhar-lhe as articulações e a imobilizá-la naquele lugar. «Distúrbio ansioso crónico», chamou-lhe o médico em Marietta.

Nas últimas semanas, ela passou por este tipo de paralisia espontânea imediatamente a seguir a um ataque dos caminhantes — um estado que dura horas, depois de acontecer — mas agora sente uma sensação mais profunda de horror a invadi-la que vem de algum lugar original e primordial. Volta-se para dentro de si, enfrentando a sua alma ferida, torcida pela dor e pela perda do pai.

Ao estalar de um machado a atingir madeira, a sua atenção é arrancada da vedação.

Um grupo de homens aglomera-se ao longo de uma fila de madeiros secos. Folhas mortas e de choupos-negros redemoinham ao vento por cima da linha de árvores. O ar cheira a terra húmida e agulhas de pinheiro emaranhadas. As sombras dançam por trás da folhagem, beliscando o medo de Lilly como um diapasão no seu cérebro. Ela recorda-se de quase ter sido mordida em Macon, há três semanas, quando um zombie saiu a cambalear de trás de um *Dumpster* do lixo. Para Lilly, neste momento, aquelas sombras atrás das folhas parecem mesmo o caminho por trás daquele *Dumpster*, podre de ameaça e do cheiro putrefacto e de milagres horríveis — os mortos a voltarem à vida.

Um outro golpe de machado fá-la sobressaltar-se e vira-se na direção da extremidade mais distante da pilha de madeira.

Josh encontra-se com as mangas enroladas para cima, de costas para ela. Uma nódoa oblonga de suor corre pela sua camisa de cambraia entre as omoplatas maciças. Com os músculos a arrepanharem-se, a pele dobra-se na sua nuca castanha e latejante; trabalha num ritmo regular, dando balanço, golpeando, dando um arranco para trás, firmando-se, dando balanço de novo com um arquejo.

Lilly caminha até ele e aclara a garganta.

— Estás a fazer isso tudo mal — diz ela numa voz trémula, tentando manter as coisas ligeiras e descontraídas.

Josh imobiliza-se com a lâmina do machado no ar. Vira-se e olha-a,

com o rosto de ébano esculpido perlado de suor. Por um momento, parece em estado de choque, o piscar dos olhos trai a sua surpresa.

— Sabes, eu percebi que alguma coisa não estava a funcionar bem — diz ele por fim. — Só fui capaz de partir cerca de um cento de madeiros em quinze minutos.

— Estás a apertar o cabo muito em baixo.

Josh faz um sorriso.

— Sabia que era uma coisa dessas.

— Tens de deixar os madeiros fazer o trabalho por ti.

— Boa ideia.

— Queres que mostre como é?

Josh afasta-se e entrega-lhe o machado.

— É assim — diz Lilly, tentando o melhor que pode parecer encantadora, espirituosa e corajosa. Os seus tremores são de tal modo que a cabeça do machado estremece quando ela faz uma débil tentativa de partir um madeiro. Ela oscila e a lâmina lasca lateralmente a madeira e depois espeta-se no solo. Ela luta para o soltar.

— Agora percebi — diz Josh com um aceno de divertimento. Repara nas suas mãos trémulas e o sorriso desaparece. Aproxima-se dela, colocando a sua mão enorme sobre a dela, que está branca de fazer força no cabo do machado, enquanto luta por tirá-lo da terra barrenta. O seu toque é carinhoso e tranquilizador.

— Vai correr tudo bem, Lilly — diz ele suavemente.

Ela solta o machado e vira-se para o encarar. O seu coração acelera quando o olha nos olhos. A carne enregela-se e tenta exprimir os seus sentimentos por palavras, mas a única coisa que consegue fazer é desviar o olhar envergonhada. Por fim consegue encontrar a voz.

— Há algum lugar para onde possamos ir e falar?

— Como é que tu fazes?

Lilly senta-se com as pernas cruzadas à índio no chão, sob os grossos ramos de um carvalho, que salpica o tapete de folhas emaranhadas de uma confusão de cores. Encosta-se ao tronco gigantesco enquanto fala. Os olhos permanecem fixados no topo das árvores que se erguem a uma distância intermédia.

Ela tem um olhar distante que Josh Lee Hamilton já viu de vez em quando nos rostos dos veteranos de guerra e nas enfermeiras das salas de urgência — um olhar de perpétua exaustão, o olhar abatido dos que estão em estado de choque, um olhar de mil metros. Josh sente o impulso de tomar nos braços o seu corpo delicado e esguio, de a abraçar e de

lhe afagar o cabelo e fazer com que tudo pareça melhor. Mas, de algum modo, pressente — sabe — que agora não é o momento. Agora é o momento de ouvir.

— Faço o quê? — pergunta-lhe ele. Josh está sentado à frente dela, também de pernas traçadas, limpando a nuca com um lenço húmido. Uma caixa de charutos está pousada no chão diante dele — a última da sua reduzida provisão. Quase hesita em encetar essa última — tem a impressão supersticiosa de que estaria a selar o seu destino.

Lilly ergue os olhos para ele.

— Quando os caminhanes atacam... como é que lidas com isso sem ficares... cheio de medo?

Josh dá uma gargalhada cansada.

— Se conseguires saber, vais ter de me ensinar.

Ela fita-o por um instante.

— Anda lá.

— O quê?

— Estás a dizer-me que ficas cheio de medo quando eles atacam?

— Exatamente isso.

— Oh, por favor. — Ela empina a cabeça com incredulidade. — Tu?

— Deixa-me dizer-te uma coisa, Lilly. — Josh pega no pacote de charutos, sacode-o para libertar um deles, e acende-o com o seu *Zippo*. Tira uma fumaça pensativo. — Só os estúpidos e os doidos não têm medo, hoje em dia. Se não tens medo, não tens estado com atenção.

Ela olha para a frente, para lá das filas de tendas alinhadas ao longo da vedação partida. Deixa sair um suspiro doloroso. O seu rosto estreito está fatigado, cinzento. É como se tentasse articular ideias que por teimosia se recusam a colaborar com o seu vocabulário. Por fim, diz:

— Tenho convivido com isto há algum tempo. Não tenho... orgulho disto. Acho que isto tem tornado um monte de coisas confusas.

Josh olha para ela.

— O quê?

— O fator cobardia.

— Lilly...

— Não. Escuta, preciso de dizer isto. — Ela recusa-se a olhar para ele, os olhos ardem-lhe de vergonha. — Antes de este... surto acontecer... era apenas uma coisa... inconveniente. Perdi umas quantas coisas. Lixei algumas coisas porque sou uma cobarde de merda... mas agora o que está em jogo... não sei. Posso fazer com que alguém seja morto. — Finalmente consegue olhar nos olhos o enorme homem. — Podia ter sido a ruína completa para alguém com quem me preocupo.

Josh sabe do que ela está a falar, e isso aperta-lhe o coração. Desde o

momento em que pousara a primeira vez os olhos em Lilly Caul, tivera sentimentos que não tinha desde adolescente, em Greenville — aquele género de fascínio extasiado que um rapaz pode vivenciar sobre a curvatura do pescoço de uma rapariga, o perfume dos seus cabelos, a dispersão das sardas pela cana do seu nariz. Sim, na verdade, Josh Lee Hamilton está afetado. Mas não vai lixar esta relação, como lixou tantas antes de Lilly, antes do flagelo, antes de o mundo ter ficado tão desolado.

Dantes, em Greenville, Josh alimentara paixões por raparigas com uma frequência embaraçosa, mas sempre pareceu estragar tudo por ser apressado. Comportava-se como um cachorro grande a lamber-lhes os calcanhares. Desta vez não. Desta vez, Josh ia fazer as coisas como deve ser... como deve ser e com cautela, um passo de cada vez. Podia até ser um grande camponês imbecil da Carolina do Sul, mas não era estúpido. Estava disposto a aprender com os erros do passado.

Solitário por natureza, Josh cresceu nos anos de 1970, quando a Carolina do Sul ainda estava agarrada aos tempos espectrais de Jim Crow, ainda a fazer tentativas fúteis para integrar as suas escolas e juntar-se ao século vinte. Empurrado de um projeto de habitação em ruínas para outro, com a sua mãe solteira e quatro irmãs, Josh pôs o tamanho e a energia que Deus lhe dera a bom uso no relvado, jogando futebol universitário pela Mallard Creek High School, com os olhos postos numa bolsa de estudos. Mas faltava-lhe a única coisa que empurrava os jogadores pelas escadas académicas e socioeconómicas acima: agressividade pura.

Josh Lee Hamilton sempre fora uma alma gentil... ao ponto de ser defeito. Deixava que miúdos muito mais fracos se metessem com ele. Respondia com deferência a todos os adultos com um «sissenhora» ou «sissenhor». Não tinha, simplesmente, luta dentro dele. Tudo isso constituiu a razão de a sua carreira no futebol ter acabado por desaparecer gradualmente em meados dos anos oitenta. Foi por esta altura que a sua mãe, Raylene, adoeceu. Os médicos disseram que a doença se chamava «lupus erythematosus» e não era terminal, mas para Raylene foi uma sentença de morte, uma vida de dores crónicas e lesões na pele e a quase paralisia. Josh tomou sobre os seus ombros cuidar da mãe (enquanto as irmãs se afastavam para maus casamentos e empregos sem saída fora do Estado). Josh cozinhava, limpava e tomava conta da sua mãe, e ao cabo de uns anos tornou-se tão bom na cozinha que, na verdade, arranjou um emprego num restaurante.

Tinha um jeito nato para a culinária, especialmente para cozinhar carne, e foi subindo de categoria nas cozinhas de restaurantes de bifés através da Carolina do Sul e da Geórgia. No ano 2000, tornara-se um dos mais procurados *chefs* do Sudoeste, supervisionando grande equipas

de sub-*chefs*, fornecendo eventos sociais de grande escala, e vendo aparecer a sua fotografia na *Atlanta Homes and Lifestyles*. E durante todo esse tempo ele geria a sua cozinha com delicadeza — uma raridade no mundo da restauração.

Agora, no meio daqueles horrores diários, assaltado por todo aquele amor não correspondido, Josh ansiava por cozinhar algo de especial para Lilly.

Até àquele momento, tinham subsistido com coisas como ervilhas enlatadas, carne enlatada *Spam*, cereais desidratados e leite em pó — nenhuma das quais fornecia o fundo adequado para um jantar romântico ou uma declaração de amor. Toda a carne e produtos frescos naquela zona tinham sido devorados pelos vermes havia semanas. Mas Josh tinha ideias em relação a um coelho, ou a um javali que pudesse andar a vaguear pelos bosques vizinhos. Faria um *ragoût*, ou um belo refogado com cebolas selvagens e rosmaninho e algum daquele *Pinot Noir* que Bob Stookey rapinara do armazém de bebidas abandonado, e Joah serviria a carne com alguma porção de polenta aromatizada com ervas, e adicionaria uns pozinhos especiais extra. Algumas das senhoras da cidade-acampamento tinham fabricado velas com gordura que tinham descoberto num comedouro de pássaros. Isso seria simpático. Velas, vinho, talvez uma pera surripiada do pomar para sobremesa, e Josh estaria pronto. Os pomares continuavam nojentos com fruta podre de madura. Talvez um *chutney* de maçã com o porco. Sim. Absolutamente. Depois, Josh estaria pronto para servir o jantar a Lilly e para lhe dizer como se sentia em relação a ela, como queria estar com ela, protegê-la e ser o seu homem.

— Eu sei aonde queres chegar com isto, Lilly — diz-lhe por fim Josh, batendo a cinza do charuto numa pedra. — E quero que saibas duas coisas. Número um, não tens de ter vergonha do que fizeste.

Ela baixa os olhos.

— Queres dizer, fugir como um cão agredido quando estavas a ser atacado?

— Ouve-me. Se fosse ao contrário, eu teria feito a mesma coisa.

— Isso é treta, Josh, eu nem sequer...

— Deixa-me acabar. — Esmaga a ponta do charuto. — Número dois, eu *queria* que fugisses dali. Não me ouviste. Gritei-te para saíres dali rapidamente. Não fazia sentido, apenas um deles estava mais perto, nós os dois a tentarmos envolver-nos nas coisas deles. Compreendes o que estou a dizer? Não precisas de sentir nenhuma vergonha pelo que fizeste.

Lilly respira fundo. Continua com os olhos em baixo. Uma lágrima toma forma e desce-lhe pela cana do nariz.

— Josh, aprecio o que estás a tentar...
— Somos uma equipa, certo? — Ele inclina-se para poder ver o seu belo rosto. — Certo?
Ela acena a cabeça em assentimento.
— O duo dinâmico, certo?
Outro aceno.
— Certo.
— Uma máquina bem oleada.
— Siiim. — Ela limpa a cara com as costas da mão. — Sim, está bem.
— Então, vamos manter-nos assim. — Ele atira-lhe o lenço húmido.
— Combinado?
Ela olha para o pedaço de pano, pega-lhe, olha para ele e consegue fazer um sorriso.
— Jesus Cristo, Josh, esta coisa está completamente imprópria.

Passaram três dias na cidade-acampamento sem qualquer espécie de ataque. Apenas uns quantos incidentes de pouca monta turvaram a calma. Uma manhã, um grupo de crianças tropeça num torso palpitante numa valeta junto à estrada. Com o rosto cinzento pejado de vermes virado para a copa das árvores, numa perpétua e gemebunda agonia, a coisa parecia ter acabado de se enredar numa ceifeira-mecânica, com cotos esfarrapados onde um dia houvera braços e pernas. Ninguém consegue perceber como aquela coisa desmembrada ali foi parar. Chad acaba com a criatura com um único golpe de machadinha desferido na direção da já desfeita cana do nariz. Noutra ocasião, junto dos lavabos comuns, um campista idoso percebe, com consternação e sobressalto, que, durante o aperto intestinal da tarde, está involuntariamente a cagar em cima de um zombie. O vagabundo ficou preso, de algum modo, na fossa do esgoto. A coisa é facilmente despachada por um dos homens mais novos com uma única estocada de cavadeira.

Estes revelam-se, porém, encontros isolados, e o meio da semana avança sem grandes acontecimentos.

A pausa dá tempo aos habitantes para se organizarem, terminarem a edificação dos últimos abrigos, armazenarem mantimentos, explorarem a área contígua, estabelecerem uma rotina, e formarem coligações, trupes e hierarquias. As famílias — dez ao todo — parecem colocar mais peso no processo de tomada de decisão do que as pessoas isoladas. Algo que tem a ver com a *gravitas* de terem mais a perder, com o imperativo de protegerem as crianças, talvez até com o simbolismo de transportarem as sementes genéticas do futuro

— tudo isso acrescentado a uma espécie de senioridade implícita. Entre os patriarcas das famílias, Chad Bingham emerge como o líder efetivo. Todas as manhãs, preside às assembleias comunais no interior da tenda de circo, atribuindo deveres com a autoridade informal de um *capo* da Máfia. Todos os dias se pavoneia ao longo dos limites do acampamento, com o seu rapé provocadoramente saliente sob a bochecha e a pistola completamente à vista. Com o inverno quase a começar, e os perturbantes ruídos noturnos por trás das árvores, Lilly preocupa-se com este simulacro de chefe. Chad tem tido Megan de baixo de olho, enquanto esta anda enrolada com um dos outros pais, à vista de toda a gente, incluindo a mulher grávida do homem. Lilly preocupa-se com o facto de ali toda a aparência de ordem repousar sobre um barril de pólvora.

As tendas de Lilly e de Josh erguem-se a uns meros dez metros uma da outra. Todas as manhãs, Lilly acorda e senta-se de rosto virado para a extremidade da tenda que tem um fecho corrido, olhando em direção à tenda de Josh, bebendo o seu café *Sanka* instantâneo e tentando pôr em ordem os seus sentimentos em relação ao homenzarrão. O seu gesto cobarde ainda a atormenta, a assombra, infeta-lhe os sonhos. Tem pesadelos com a ensanguentada porta articulada daquele autocarro perdido, em Atlanta, mas agora, em vez de ver o pai a ser devorado, escorregando pelo vidro sujo, Lilly vê Josh.

Os seus olhos acusadores acordam-na sempre com um sobressalto, e um suor frio ensopa-lhe a roupa de dormir.

Nessas noites torturadas pelo sonho, estendida sem dormir no saco-cama bolorento, fitando o teto humedecido pelo mofo da sua pequena tenda — adquirira a tenda usada numa incursão a um acampamento KOA⁸ abandonado, e ela tresandava a fumo, sémen seco e ranço de cerveja —, ouve inevitavelmente os ruídos. Débeis, na longínqua escuridão para lá do monte, para lá do arvoredo, os sons misturam-se com o vento e os grilos e o roçar da folhagem: estalidos não naturais, sons bruscos de arrastar, que lembram a Lilly sapatos velhos aos tombos dentro de uma máquina de secar.

Na sua imaginação, emudecida pelo terror, os ruídos distantes conjuram imagens de terríveis fotografias forenses, a preto e branco, corpos mutilados enegrecidos pelo *rigor mortis*, porém ainda a mexerem-se, rostos mortos voltando-se para ela e olhando-a de través, filmes mudos e macabros com cadáveres dançantes a saltitarem como sapos numa frigideira quente. Jazendo acordada noite após noite, Lilly rumina acerca do

⁸ Rede norte-americana de parques de campismo. [N. do T.]

que poderão significar realmente aqueles ruídos, no que se está a passar algures, e em quando virá o próximo ataque.

Alguns dos campistas mais dados a pensar têm desenvolvido teorias.

Um homem ainda novo de Athens, chamado Harlan Steagal, um estudante marrão com óculos de aros grossos, começa a manter salões filosóficos noturnos em volta da fogueira. Atulhados em pseudoefedrina, café instantâneo e erva de má qualidade, os cerca de meia dúzia de inadaptados sondam respostas às questões imponderáveis que a todos atormentam: as origens da peste, o futuro da espécie humana, e talvez a questão mais oportuna de todas, os padrões de comportamento dos caminhantes.

O consenso entre o grupo de pensadores é que apenas existem duas possibilidades: (a) os zombies não têm nenhum outro instinto, propósito ou padrão comportamental senão o de se alimentarem involuntariamente. São meras extremidades nervosas e atabalhoadas, providas de dentes, fazendo ricochete uns nos outros como máquinas mortais que precisam apenas de ser «desligadas». Ou (b) há neles um padrão complexo de comportamento que nenhum sobrevivente conseguiu perceber até agora. Esta última implica a questão de saber como é que a peste é transmitida dos mortos aos vivos — será apenas através da dentada de um caminhante? —, bem como as questões do comportamento de manada, e das possíveis curvas pavlovianas de aprendizagem, e de imperativos genéticos de ainda maior escala.

Por outras palavras — para colocar a coisa no patuá de Harlan Steagal: *Aquelas coisas mortais estarão a jogar com algum aspeto esquisito, todo lixado, muito passado do nosso processo de evolução?*

Lilly ouve sem querer muito deste discurso desconexo ao longo daqueles três dias e presta-lhe pouca atenção. Não tem tempo para conjeturas e análises. Quanto mais tempo passa sem nenhum assalto dos mortos à cidade, mais Lilly se sente vulnerável, apesar das precauções de segurança. Com a maior parte das tendas agora erguida e uma barricada de veículos estacionados à volta da periferia da clareira, as coisas acalmaram-se. As pessoas estão instaladas, metidas consigo mesmas, e as poucas fogueiras ou fogareiros de cozinhar utilizados para as refeições são rapidamente extintos com receio de que o fumo errante ou os cheiros atraíam intrusos indesejáveis.

Ainda assim, todas as noites Lilly fica nervosíssima. É como se uma frente fria estivesse a avançar. O céu noturno fica cristalino e sem nuvens, todas as manhãs se forma uma geada nova sobre o solo atapetado, sobre a vedação e as tendas. O frio crescente reflete a obscura intuição de Lilly. Algo de terrível parece iminente.

Uma noite, antes de voltar para a tenda, Lilly Caul tira da mochila

um pequeno calendário encadernado a pele. Nas semanas que se seguiram ao advento da peste, muitos aparelhos pessoais deixaram de funcionar. A rede elétrica fora abaixo, as baterias tinham chegado ao fim, os fornecedores de serviço tinham desaparecido, e o mundo regressara às coisas elementares: tijolo, argamassa, papel, fogo, carne, sangue, suor e, sempre que possível, *combustão interna*. Lilly sempre fora uma rapariga analógica — a sua casa, em Marietta, transbordava de discos de vinil, rádios de transístores, relógios de corda, e as primeiras edições acumulavam-se em todos os cantos — pelo que, naturalmente, começa a manter registo dos dias de peste na sua pequena agenda preta com o desgastado logótipo dourado da American Family Insurance na capa.

Nesta noite, põe um grande X no quadrado marcado como Quinta-feira, 1 de novembro.

O dia seguinte é 2 de novembro — o dia em que o seu destino, bem como o de muitos outros, vai irrevogavelmente mudar.

A sexta-feira amanhece límpida e cortante de tão fria. Lilly mexe-se mesmo antes de o Sol nascer, tremendo no interior do saco-cama, com o nariz tão frio que nem o sente. As articulações doem-lhe quando apressadamente acomoda as camadas de cobertura numa pilha. Força-se a sair da tenda, correndo o fecho do casaco e olhando de relance para a tenda de Josh.

O grande homem já está a pé, perfilando-se junto à sua tenda, esticando o seu maciço perímetro. Enfaixado numa camisola de pescador e numa coçada parte de baixo, rodopia, vê Lilly, e diz:

— Está frio que chegue para ti?

— Qual é a próxima pergunta estúpida? — diz ela, aproximando-se da tenda dele e alcançando o termo fumegante com café instantâneo que a sua mão imensa e enluvada agarra.

— O tempo faz as pessoas entrarem em pânico — diz ele suavemente, entregando o termo. Com um aceno de cabeça, indica os três camiões parados ao longo da estrada, do outro lado da clareira. Quando fala, a sua respiração revela-se pelas nuvens de vapor.

— Um grupo nosso vai até ao bosque para juntarmos tanta lenha quanto pudermos carregar.

— Vou convosco.

Josh abana a cabeça.

— Falei com Chad há um minuto, suponho que ele precisa que tomes conta das miúdas.

— Está bem. Claro. Qualquer coisa.

— Fica com isso — diz Josh, indicando o termo com um gesto. Agarra no machado que está encostado à tenda e sorri-lhe. — Devo estar de volta à hora do almoço.

— Josh — diz ela, agarrando-lhe a manga antes que ele possa afastar-se. — Tem cuidado, no bosque.

O seu sorriso alarga-se.

— Sempre, boneca... sempre.

Vira-se e marcha em direção às nuvens de fumo dos escapes, visíveis ao longo da estrada de cascalho.

Lilly observa o contingente a pular para as cabinas, saltar para os estribos, subir para as plataformas de carga. Não percebe, nesta altura, a quantidade de barulho que estão a fazer, a agitação provocada pelo embarque de todos ao mesmo tempo nos três grandes camiões, vozes a gritarem de uns para os outros, as portas a baterem, o banco de nevoeiro produzido pelo monóxido de carbono.

Com toda a excitação, nem Lilly, nem, para o efeito, mais ninguém, percebe quão longe a algazarra da partida chega através do cimo das árvores.

Lilly é a primeira a pressentir o perigo.

Os Bingham deixaram-na no interior da tenda do circo, a tomar conta das quatro meninas, que agora brincam pelo chão de ervas emaranhadas, a correrem pelo meio das mesas articuladas, pilhas de caixas de pêssegos e garrafas de gás butano. O interior da tenda de circo é iluminado por claraboias improvisadas — abas do teto repuxadas para trás de modo a deixar entrar a luz do dia — e o ar lá dentro cheira a mofo e a décadas de feno bolorento impregnadas nas paredes de lona. As miúdas fazem a dança das cadeiras com três cadeiras de descanso partidas, espalhadas pela terra fria do chão.

Lilly deveria fazer a música.

— Dah-du-du-du... dah-da-da-da — cantarola Lilly sem grande convicção, trauteando um velho êxito dos Police com uma voz fina e fraca enquanto as miúdas dão gargalhadas e andam em volta das cadeiras. Lilly está distraída. Não para de olhar pela entrada de serviço, numa das extremidades do pavilhão, por onde se vê uma grande porção da cidade-acampamento à luz cinzenta do dia. Os terrenos estão praticamente desertos; aqueles que não foram rapinar para longe escondem-se agora dentro das suas tendas.

Lilly engole o terror, o frio Sol cai oblíquo através das árvores distantes, o vento sussurra no topo alto da tenda. No cimo da elevação, dançam

sombras na luz pálida. Lilly pensa que ouve algures ruídos de arrastar, por lá, talvez por trás das árvores; não tem a certeza. Poderá ser imaginação sua. Os sons dentro da tenda esvoaçante e vazia provocam-lhe ilusões auditivas.

Afasta o olhar da abertura e perscruta o pavilhão à procura de armas. Vê uma pá encostada a um carrinho de mão cheio de terra com fertilizante. Vê uns quantos instrumentos de jardinagem num balde sujo. Vê os restos dos pequenos-almoços numa lata de lixo de plástico — pratos de papel cobertos de feijões e *Egg Beaters*⁹, capas de burritos amassadas, caixas de sumo vazias — e, junto delas, um contentor de plástico com talheres sujos. Os talheres vieram de uma das carrinhas adaptadas a caravana e Lilly toma nota de umas quantas facas afiadas no contentor, mas vê sobretudo híbridos de plástico, «colharfos», com restos de comida agarrados. Pergunta-se se um daqueles colharfos poderia ser eficaz contra um canibal monstruoso a babar-se.

Amaldiçoa em silêncio os chefes do acampamento por não deixarem armas de fogo.

Aqueles que ficam na propriedade incluem os colonos mais velhos — o Sr. Rhimes, um casal de solteironas de Stockbridge, um professor reformado com oitenta anos chamado O'Toole, um par de irmãos geriátricos de um lar abandonado de Macon —, bem como uma vintena de mulheres adultas, uma boa porção delas agora muito atarefadas com as obrigações de lavagem da roupa e com conversas filosóficas ao longo da cerca traseira para darem por alguma coisa de errado.

As únicas outras almas atualmente presentes na cidade-acampamento são crianças — dez grupos delas —, algumas ainda aninhando-se contra o frio nas suas tendas, outras dando chutos numa bola de futebol em frente da casa abandonada da quinta. Cada bando de crianças tem uma mulher adulta a tomar conta dele.

Lilly olha para trás para a saída e vê Megan Lafferty, muito ao longe, empoleirada no alpendre da casa incendiada, fingindo estar a tomar conta das crianças e não a fumar erva. Lilly abana a cabeça. Megan deveria estar a vigiar os miúdos Hennessey. Jerry Hennessey, um vendedor de seguros de Augusta, tem continuado a andar com Megan há dias já, e de um modo muito pouco discreto. Os miúdos Hennessey são os segundos miúdos mais pequenos do acampamento — com oito, nove e dez anos, respetivamente. As crianças mais novas do povoado são as gémeas Bingham e Ruthie, que neste momento interrompem a brincadeira para olharem com impaciência para a sua nervosa vigilante.

⁹ Sucedâneo de ovos, feito à base de claras, comercializado nos EUA. [N. do T.]

— Vá lá, Lilly — chama Sarah Bingham, de mãos nas ancas, recuperando o fôlego junto de uma pilha de caixas de fruta. A adolescente veste uma adorável e elegante camisola a imitar angorá que parte o coração a Lilly. — Continua a cantar.

Lilly torna a virar-se para as crianças.

— Desculpa, querida, só estava...

Lilly interrompe-se. Ouve um barulho fora da tenda, vindo do cimo das árvores. Parece o estalar da amurada de um navio a adornar... ou o lento ranger de uma porta numa casa assombrada... ou, mais provavelmente, o peso do pé de um zombie num ramo seco.

— Meninas, estou...

Um outro ruído interrompe as palavras de Lilly. Volta-se na direção da abertura da tenda ao ouvir um sonoro sussurro, que ressoa a leste, estilhaçando a quietude a cem metros de distância, vindo de um matagal de rosas selvagens e abrunheiros.

Um bando de pombos subitamente levanta voo, o magote irrompendo da folhagem com a inércia de uma exibição de fogo de artifício. Lilly fica a olhar, paralisada por um instante enquanto o bando enche o céu com uma quase constelação de pontos cinzentos-negros.

Como explosões controladas, dois outros bandos de pombos irrompem ao longo da orla mais distante do acampamento. Cones de manchas esvoaçantes elevam-se perfurando a luz, espalhando-se e voltando a formar-se como nuvens de tinta a ondular em num lago transparente.

Há muitos pombos naquela zona — os habitantes dali chamam-lhes «ratos do céu», garantindo que são deliciosos se desossados e grelhados — mas o seu súbito aparecimento nas últimas semanas tem significado qualquer coisa mais obscura e perturbante do que uma possível fonte de alimento.

Algo espantou os pássaros do seu poiso e está agora a caminho da cidade-acampamento.

TRÊS

— Meninas, escutem o que lhes digo. — Lilly corre rapidamente para a Bingham mais pequena e recolhe-a entre os seus braços. — Vou precisar que venham comigo.

— Porquê? — Sarah dirige a Lilly o mau humor que é a marca registada dos adolescentes. — O que se passa?

— Não discutas comigo, querida, por favor — diz Lilly suavemente, e a expressão dos seus olhos constrange a adolescente com o poder de um agulhão de gado. Sarah volta-se apressadamente e dá a mão às gémeas, depois começa a acompanhá-las em direção à saída.

Lilly para a meio da abertura da tenda quando vê o primeiro zombie irromper das árvores a quarenta metros de distância — um macho grande com um crânio calvo da cor de uma ferida e olhos de vidro opalino — e de imediato Lilly empurra as crianças de novo para dentro do pavilhão, apertando Ruthie entre os braços e articulando sem fôlego:

— Mudança de planos, meninas, mudança de planos.

Rapidamente, Lilly apressa as crianças de volta à luz mortiça e ao ar bafiento da tenda de circo deserta. Coloca a que tem sete anos sobre o emaranhado de ervas, junto de um baú de porão.

— Todas muito caladas e quietas — sussurra Lilly.

Sarah perfila-se com uma gémea de cada lado, o seu rosto adolescente aterrado, de olhos muito abertos pelo horror.

— O que se passa?

— Fiquem aí e caladas. — Lilly corre de novo até à abertura da tenda e debate-se com a pesada aba, que está atada com cordas a três metros de altura. Ela puxa e repuxa as cordas até a aba cair pelo intervalo.

O plano original — que perpassou instantaneamente pela mente de Lilly — era esconder as crianças num veículo, de preferência um que tivesse ainda as chaves na ignição, para o caso de ela ter de fazer uma fuga rápida. Mas agora, a única coisa em que Lilly consegue pensar é

aninhar-se silenciosamente no pavilhão vazio e esperar que os outros campistas rechacem o ataque.

— Agora vamos todas fazer um jogo diferente — diz Lilly quando regressa para junto das rapariguinhas amontoadas. Um grito ressoa vindo de algures na propriedade. Lilly tenta estancar os tremores, com uma voz a ressoar-lhe na cabeça: *Caramba, sua cabra estúpida, tens de deixar crescerem-te os tomates uma vez na vida, por estas crianças.*

— Um jogo diferente, certo, certo, um jogo diferente — diz Sarah, de olhos cintilantes do medo. Ela sabe agora o que se passa. Aperta as pequenas mãos das gémeas, suas irmãs, e segue Lilly para entre duas grandes pilhas de caixas de fruta.

— Vamos brincar às escondidas — diz Lilly à pequena Ruthie, que está muda de terror. Lilly coloca as quatro raparigas nas sombras, por trás das caixas, todas muito agachadas agora e a respirar com dificuldade. — Têm de ficar muito quietas, e sem fazer nenhum, nenhum, nenhum barulho. Está bem?

A voz de Lilly parece confortá-las temporariamente, embora mesmo a mais nova saiba agora que não se trata de um jogo, não é a fingir.

— Volto já — sussurra Lilly a Sarah.

— Não! Espera! NÃO, NÃO VÁS! — Sarah aperta o blusão de penas de Lilly, agarrando-se a ela como para salvar a vida, suplicando com os olhos.

— Vou só buscar uma coisa aqui dentro da tenda, não me vou embora. — Lilly liberta-se e corre de gatas através do tapete de ervas pisadas até ao monte baldes, junto da comprida mesa central. Agarra na pá que está encostada ao carrinho de mão, depois arrasta-se de volta até ao esconderijo.

Nesse ínterim, ruídos terríveis acumulam-se e crescem do lado de fora das paredes do pavilhão batidas pelo vento. Um outro grito fende o ar, seguido de passadas frenéticas, e depois o som de um machado a afundar-se num crânio. Lydia choraminga, Sarah fá-la calar-se e Lilly acocora-se diante delas com a visão desfocada pelo terror.

O vento frígido sacode as abas da tenda e, por um momento breve, sob a fugaz abertura, Lilly vislumbra o ataque em curso. Pelo menos doze caminhantes — visíveis apenas os seus pés arrastados e enlameados, como uma brigada de vítimas de acidentes vascular-cerebrais — convergem para o campo coberto pela tenda. Os pés a correr dos sobreviventes, na sua maioria mulheres e idosos, fogem em todas as direções.

O espetáculo do ataque distrai temporariamente Lilly do ruído por trás das raparigas.

Um braço ensanguentado assoma sob a aba da tenda, apenas a uns centímetros das pernas de Sarah.

Sarah emite um guincho quando uma mão morta se aperta sobre o seu tornozelo, enterrando-lhe as unhas enegrecidas, como se fossem garras. O braço é esburacado e esfrangalhado, coberto com a manga rasgada de um fato fúnebre, e a rapariga estrebucha em choque. Impulsionada pelo instinto, a adolescente arrasta-se para longe — puxando com a força do seu movimento o resto do zombie para o interior da tenda.

Um coro dissonante de guinchos e gritos estridentes parte das irmãs quando Lilly se ergue de um salto com a pá firmemente apertada entre as mãos suadas. O instinto entra em ação e Lilly rodopia e empina a pá. O homem morto abocanha o ar com dentadas furiosas como uma tartaruga-mordedora, enquanto a adolescente se contorce e se arrasta pelo solo frio, dando gritos ininteligíveis de terror e arrastando o zombie consigo.

Antes de os dentes purulentos terem oportunidade de penetrar, Lilly deixa cair a pá com força sobre o crânio do zombie, o impacto produzindo um tilintar abafado como o som de um gongo partido. O estalar do crânio vibra nos pulsos de Lilly e fá-la encolher-se.

Sarah consegue libertar-se dos dedos frios e debate-se para se pôr de pé. Lilly deixa cair a pá outra vez... e outra... enquanto a espátula de ferro repica como um monótono sino de igreja e a coisa morta se esvazia ritmicamente num jorro negro de sangue arterial e massa cinzenta em decomposição. Ao quarto golpe, o crânio cede, com estalo húmido e a espuma negra alastra borbulhando pelo emaranhado de ervas.

Nesta altura, Sarah juntou-se às irmãs, cada uma das raparigas agarrada às outras, todas de olhos arregalados e choramingando de horror enquanto recuam em direção à saída, com a grande aba de tela ondulando ruidosamente ao vento por trás delas.

Lilly afasta-se do cadáver destroçado no seu fato de riscas em fiapos e começa a dirigir-se para a abertura, a vinte e cinco metros de distância, quando repentinamente se imobiliza, agarrando a manga de Sarah.

— Espera, Sarah, espera... ESPERA!

Na outra extremidade da tenda, a gigantesca aba de lona encerada enrola-se para cima com o vento, revelando meia dúzia de caminantes a juntarem-se na saída. Arrastam-se espasmodicamente para o interior da tenda — todos adultos, femininos e masculinos, cobertos com roupas rasgadas, manchadas de sangue, formando um amontoado grotesco — com os olhos velados por cataratas fixos nas raparigas.

— Por aqui! — Lilly empurra Sarah para a extremidade oposta da tenda de circo — talvez a uns quarenta e cinco metros de distância — e esta íça a criança pequena para os seus braços. As gémeas correm atrás delas, escorregando nas ervas húmidas e emaranhadas. Lilly aponta para

a parte inferior da parede de lona, agora a uns trinta metros, e sussurra sem fôlego:

— Vamos escapulir-nos por baixo da tenda.

Chegam até meio do caminho da parede oposta quando um outro caminhante lhes aparece pela frente.

Aparentemente, este corpo emagrecido e mutilado envergando um macacão de ganga — com metade do rosto feito num frangalho numa erupção de pasta vermelha e dentes — entrou por baixo da lona e agora vem na direção de Sarah. Lilly avança, ficando entre o zombie e a rapariga, e balança a pá com tanta força quanto pode, atingindo o crânio destrocado e fazendo a coisa cambalear de lado.

O zombie estatela-se contra o pilar do centro, e a pura inércia e peso morto tira o poste de madeira do seu encaixe. Os cabos-diretrizes saltam. Ouve-se um ruído de estalar como o de um navio a abrir caminho por entre o gelo e três das quatro meninas Bingham soltam uivos ululantes enquanto o enorme topo se desmorona para o seu interior, fazendo saltar os mastros mais pequenos como fósforos e tirando as estacas do chão em volta. O teto cónico afunda-se como um enorme suflé.

A tenda cai sobre as raparigas e o mundo torna-se escuro e sem ar e cheio de movimentos arrastados.

Lilly apalpa o tecido pesado e luta para recuperar a compostura, ainda segurando na pá, o oleado pesando sobre ela com a súbita pressão de uma avalanche. Ouve os guinchos abafados das crianças e vê luz do dia a uns quinze metros. Rasteja de lado sob a tenda em direção à luz, com a pá numa das mãos.

Por fim, roça um pé no ombro de Sarah. Grita:

— Sarah! Agarra-me na mão! Agarra as meninas com a outra e PUXA!

Neste momento, para Lilly, a passagem do tempo — como frequentemente acontece durante as catástrofes em curso — começa a retardar-se, à medida que diversas coisas acontecem ao mesmo tempo. Lilly atinge a extremidade da tenda e irrompe por baixo da tela esvaziada, com o vento e o frio a despertá-la, e puxa Sarah com todas as suas forças; duas das outras raparigas são arrastadas atrás de Sarah — as suas vozes estridentes como chaleiras ao lume.

Lilly ergue-se de um salto e ajuda Sarah com as outras duas rapariguinhas.

Uma das meninas — Lydia, a mais nova das gémeas por uma «boa meia hora», como afirma Sarah — desapareceu. Lilly empurra as outras

para longe da tenda e diz-lhes para não se aproximarem, mas para não ficarem longe. Depois Lilly volta-se para a tenda e vê uma coisa que lhe faz parar o coração.

Há formas que se movimentam debaixo da tenda do circo caída. Lilly baixa a pá. Olha. As pernas e a coluna inteiriçam-se como blocos de gelo. Não consegue respirar. Só consegue ficar espedada a olhar para a pequena protuberância de tecido a ondular loucamente a cerca de cinco metros de distância — a pequena Lydia a lutar para se escapar —, o som do grito da criança abafada pela lona. A pior parte — a parte que deixa Lilly petrificada — é a visão de *outras* protuberâncias abrindo firmemente, como toupeiras, o caminho em direção à menina.

Nesse momento, o medo liga um fusível no cérebro de Lilly, o fogo purificador da raiva viaja-lhe pelos tendões e desce-lhe pela medula.

Entra em ação; a erupção de adrenalina impulsiona-a para a orla da tenda tombada, com o combustível de raiva injetado nos músculos. Puxa a lona para cima e por cima da cabeça, acocorando-se à procura da menina.

— LYDIA, QUERIDA, ESTOU MESMO AQUI!! VEM ATÉ MIM, QUERIDA!!

Lilly vê na obscuridade difusa sob a lona oleada a pequena de cabelos cor de linho, a cinco metros de distância, de gatas, dando pontapés para trás e para os lados e rastejando para escapar aos apertos da lona. Lilly chama-a de novo e mergulha sob o oleado, estende a mão e agarra uma parte do macacão da rapariguinha. Lilly puxa com todas as suas forças.

É então que vê o braço esfarrapado e o rosto azul e exangue aparecerem no escuro, apenas a centímetros por trás da criança, fazendo uma tentativa desajeitada para lhe agarrar a sapatilha Hello Kitty. As unhas purulentas e denteadas fincam-se na sola do sapato de ténis no momento exato em que Lilly consegue arrancar a menina de nove anos de debaixo das dobras do tecido malcheiroso.

Lilly e a criança tombam ambas para trás, de novo à luz fria do dia.

Rolam alguns metros e, depois, Lilly consegue puxar a rapariguinha e abraçá-la com toda a força.

— Pronto, bebé, pronto, já passou, já estás aqui comigo, estás segura.

A criança soluça e arqueja, mas não há tempo para a confortar. O retinir de vozes e o farfalhar de lonas aumenta em redor delas enquanto o acampamento é atacado.

Lilly, ainda de joelhos, acena às outras raparigas para se aproximarem.

— Muito bem, meninas, escutem, agora temos de ser rápidas, fiquem perto de mim e façam exatamente o que eu disser.

Lilly respira com dificuldade ao erguer-se. Agarra na pá, vira-se e vê o caos a alastrar pela cidade-acampamento.

Mais caminhanter desceram sobre o acampamento. Alguns deles avançam em grupos de três ou quatro ou cinco, roncando e babando-se com uma fome incontrolável e selvagem.

No meio dos gritos e do pandemônio — colonos a fugir em todas as direções, motores de carros a serem ligados, machados a oscilarem, cordas de roupa a desabarem —, algumas das tendas estremecem com lutas violentas no seu interior, os atacantes a surgirem de todas as fendas, a caçarem os habitantes paralisados. Uma das tendas mais pequenas cai sobre um dos lados, com umas pernas a rasgarem como tesouras uma das extremidades. Um outro casulo revolve-se num frenesim alimentar, as paredes de nylon, translúcidas, exibindo silhuetas de uma névoa de sangue que parecem manchas de tinta.

Lilly vê um caminho livre que leva a uma fila de carros estacionados, a uns cinquenta metros de distância, e vira-se para as raparigas.

— Preciso que venham todas atrás de mim... sim? Fiquem bem perto e não façam barulho nenhum. Está bem?

Depois de uma série de acenos frenéticos e silenciosos, Lilly puxa as raparigas através da confusão... e para o meio da luta.

Os sobreviventes desta inexplicável praga aprenderam rapidamente que a maior vantagem de que um humano goza em relação a um cadáver reanimado é a velocidade. Nas circunstâncias certas, um humano pode facilmente deixar para trás até o mais forte cadáver andante. Mas esta superioridade física fica perturbada perante um magote. O perigo aumenta exponencialmente com cada zombie adicional... até a vítima ser engolida por um lento tsunami de dentes desiguais e garras escurecidas.

Lilly aprende esta desagradável realidade a caminho do carro estacionado mais perto.

O *Chrysler 300* prateado, todo amassado e sujo de sangue seco, com a armação para a bagagem no tejadilho, está no rebordo de cascalho da estrada de acesso a menos de cinquenta metros da tenda de circo, estacionado num certo ângulo, à sombra de uma alfarrobeira. Os vidros estão fechados, mas Lilly tem ainda assim razão para crer que podem, pelo menos, entrar, senão mesmo pôr o carro a trabalhar. Há grandes hipóteses de as chaves estarem na ignição. Há já algum tempo que as pessoas deixam as chaves nos carros para permitir fugas rápidas.

Infelizmente, a propriedade agora está enxameada de mortos, e Lilly

e as raparigas mal conseguem percorrer dez metros no campo de ervas antes de vários atacantes avançarem pelos flancos.

— Mantenham-se atrás de mim! — grita Lilly para as meninas à sua guarda, e depois faz oscilar a pá. O ferro ferrugento embate no rosto pintalgado de uma fêmea com uma bata salpicada de sangue fazendo-a ir contra um par de machos que ali estavam por perto vestindo fatos-macacos gordurosos, que tombam sobre o solo como pinos de bólingue. Mas a fêmea fica de pé, cambaleante depois do golpe, por um instante agitando os braços para se equilibrar, depois voltando à carga.

Lilly e as raparigas avançam mais uns quinze metros em direção ao *Chrysler* quando mais uma quantidade de zombies lhes bloqueia o caminho. A pá zumba no ar, esmagando a cana do nariz de um caminhante mais jovem. Um outro golpe atinge o maxilar de uma morta com um casaco nojento de pele de marta. Um outro golpe ainda racha o crânio de uma velha corcunda cujos intestinos se veem através de uma bata hospitalar, mas a anciã apenas cambaleia e recua.

Por fim, as raparigas alcançam o *Chrysler*. Lilly tenta abrir a porta do lado contrário ao do condutor e descobre — abençoadamente — que está destrancada. Suave mas rapidamente, empurra Ruthie para o banco da frente enquanto um grupo de caminhantes se aproxima do automóvel. Vê as chaves penduradas na fenda da coluna de direção — mais um golpe de sorte.

— Fica no carro, querida — diz Lilly à miúda de sete anos, e depois bate com a porta.

Neste momento, Sarah chega com as gémeas à porta que dá acesso ao banco de trás.

— SARAH, CUIDADO!

O grito estridente de Lilly eleva-se acima do primordial rugido atrozador que enche o ar ao mesmo tempo que cerca de uma dezena de mortos surgem ameaçadoramente por trás de Sarah. A adolescente puxa a porta de trás com força, mas não tem tempo de meter as gémeas no carro. As duas miúdas, mais pequenas, tropeçam e estatelam-se sobre as ervas. Sarah lança um lamento selvagem. Lilly tenta meter-se, com a pá, entre a adolescente e os atacantes, e consegue abatê-la sobre um outro crânio — um crânio enorme de um negro putrefacto com um casaco de caçador —, levando-o a cambalear e a cair no chão de ervas. Mas agora há demasiados caminhantes a avançarem pesadamente, vindos de todas as direções, para se alimentarem.

No caos que se seguiu, as gémeas conseguiram gatinhar para dentro do carro e fechar a porta.

Com a sanidade em rutura, os olhos a encherem-se de uma

incandescente fúria branca, Sarah vira-se e solta um grito ininteligível ao mesmo tempo que tira um caminhante mais lento do seu caminho com um empurrão. Descobre uma abertura, impele o corpo através dela e foge.

Lilly vê a adolescente correr em direção à tenda de circo.

— SARAH, NÃO!!

Sarah consegue chegar a meio caminho quando um grupo impenetrável de zombies se aproxima dela, bloqueando-lhe a fuga, fechando-se sobre as suas costas e dominando-a. Ela cai desamparada, sobre as ervas, enquanto mais mortos surgem em seu redor. A primeira dentada penetra a sua camisola de imitação de angorá na zona do diafragma, tirando-lhe um pedaço do tronco, produzindo um guincho ensurdecedor. Dentes pútridos afundam-se na sua jugular. Uma escura maré de sangue espalha-se sobre ela.

A vinte e cinco metros de distância, junto ao carro, Lilly luta com uma massa de dentes rangentes e carne morta que se avoluma. Agora, são talvez uns vinte caminhantes ao todo — a maioria dos quais exhibe o grotesco zumbido de adrenalina de um frenesim de apetite enquanto rodeia o *Chrysler* —, cujas bocas enegrecidas em atividade constante abocanham vorazmente, enquanto por trás dos vidros manchados de sangue os rostos das três meninas observam, hipnotizadas pelo horror.

Lilly balança a pá uma e outra vez — os seus esforços são fúteis contra a horda crescente —, ao mesmo tempo que os mecanismos e engrenagens do seu cérebro se imobilizam, mortificados pelos sons medonhos que ecoam pela propriedade de Sarah a morrer sobre o solo. Os guinchos da adolescente deterioram-se e desagregam-se numa série de miados esvaídos. Pelo menos meia dúzia de caminhantes estão agora sobre ela, escavando, mastigando e despedaçando-lhe o abdómen transbordante. Golfa sangue da sua forma tremente.

Junto da fila de carros, o ventre de Lilly gela-se-lhe enquanto ela desfere uma pazada noutra crânio, a sua mente estala e vacila de terror, acabando por se fixar numa única finalidade: afastá-los do *Chrysler*.

A urgência silenciosa como um apito para cães deste imperativo único — afastá-los das crianças — galvaniza Lilly e inunda-a com uma onda de energia. Vira-se e oscila a pá sobre o guarda-lamas dianteiro do *Chrysler*.

O som metálico ressoa. As crianças, dentro do carro, dão um salto de surpresa. Os rostos lívidos e azulados dos mortos viram-se na direção do ruído.

— VENHAM! VENHAM! — Lilly arremete para longe do *Chrysler*, movendo-se em direção ao carro mais próximo alinhado na fila irregular

angorá cor-de-rosa, agora banhada no seu próprio sangue, e a tragédia arrasta Lilly, deita-a abaixo, fá-la perder o equilíbrio e atira-a para o chão macio, enredado de agulhas de pinheiro e matéria em decomposição e de infinitos ciclos de morte e regeneração. Lilly solta um paroxismo de dor num soluço estrangulado, as lágrimas rolam-lhe pela face, humedecendo o húmus.

O seu choro — que ninguém ouve — dura bastante tempo.

O grupo de busca encontra Lilly ao final da tarde. Chefiado por Chad Bingham, o grupo de cinco homens e três mulheres — todos bem armados — vê o blusão polar azul-claro por trás de um tronco caído a um quilómetro para norte da cidade-acampamento, na escuridão gelada do arvoredo profundo, numa pequena clareira sob um dossel de ramos de pinheiro. Parece estar inconsciente, estendida sobre uma zona de silvas.

— Cuidado! — grita Chad Bingham para o seu braço-direito, um mecânico magricelas de Augusta que dá pelo nome de Dick Fenster. — Se ainda se estiver a mexer, já poderá ter-se transformado!

Com a respiração nervosa revelando-se no ar gélido, Fenster vai cautelosamente até à clareia com a sua 38 de canos cortados pronta, de cão puxado, dedo sensível no gatilho. Ajoelha-se junto de Lilly, olha-a atenta e longamente e depois vira-se para o grupo.

— Ela está bem! Está viva... não foi mordida... ainda está consciente!

— Não por muito tempo — articula Chad Bingham ofegante enquanto marcha em direção à clareira. — Essa puta de galinha merdosa deixou que matassem o meu bebé...

— Eh lá! Eh lá! — Megan Lafferty interpõe-se entre Chad e o corpo tombado. — Aguenta lá um segundo, aguenta lá.

— Sai do meu caminho, Megan.

— Precisas de respirar fundo.

— Vou só conversar com ela.

Uma pausa embaraçosa parece pesar sobre todos os presentes. Os outros elementos do grupo de busca ficam mais para trás, entre as árvores, de olhos baixos, os rostos tensos e exaustos refletindo a horrível obra daquele dia. Alguns homens têm os olhos vermelhos, feridos com a perda.

Ao regressar da expedição para reunir lenha, com o ruído dos motores e dos machados ainda a retinirem nos seus ouvidos, ficaram em choque ao encontrarem a cidade-acampamento numa pavorosa desordem. Tanto humanos como zombies atulhavam o solo ensopado de sangue, dezasseis colonos mortos, alguns deles devorados — entre eles nove

crianças. Josh Lee Hamilton fez o trabalho sujo de acabar com os caminhantes que restavam e os infelizes humanos cujos restos foram deixados intactos. Mais ninguém teve a coragem de dar um tiro na cabeça de amigos e entes queridos para lhes assegurar o descanso eterno. O período de incubação — estranhamente — parece ser, ultimamente, cada vez mais imprevisível. Algumas vítimas reanimam ao fim de alguns minutos após uma dentada. Outros levam horas — até dias — para se transformarem. Neste momento, de facto, Josh está ainda no acampamento, a supervisionar uma equipa funerária que prepara as vítimas para um enterro coletivo. Levarão mais umas vinte e quatro horas para conseguirem ter de novo a tenda de circo erguida.

— Homem, escuta-me, a sério — diz Megan Lafferty a Chad em voz mais baixa que se torna suavemente urgente. — Eu sei que estás despedaçado e tudo isso, mas ela salvou três das miúdas... Eu disse-te que vi isso com os meus próprios olhos. Ela levou os caminhantes para longe, ela arriscou a porra da vida.

— Eu... só... — Pela sua expressão, Chad tanto parece estar à beira de chorar ou de gritar. — Eu... só quero conversar.

— Tens uma mulher no acampamento que vai enlouquecer de dor... ela precisa de ti.

— Eu... só...

Mais um difícil compasso de silêncio. Um dos outros pais começa a chorar silenciosamente entre as sombras das árvores, deixando cair a arma ao chão. São quase cinco da tarde e o frio começa a apertar, os tufo de vapor flutuam diante de todos aqueles rostos torturados. Do outro lado da clareira, Lilly senta-se e limpa a boca, tenta recompor-se. Parece sonâmbula. Fenster ajuda-a a pôr-se de pé. Chad baixa os olhos para o chão.

— Que se foda. — Vira-se e afasta-se, seguido pela sua própria voz. — Que se foda.

No dia seguinte, sob um glacial céu carregado, os habitantes das tendas realizam um serviço fúnebre pelos amigos e entes queridos caídos. Perto de setenta e cinco sobreviventes reúnem-se num grande semicírculo em volta da sepultura coletiva, na orla leste da propriedade. Alguns dos enlutados seguram velas nas mãos que crepitam teimosamente aos ventos de outubro. Outros agarram-se mutuamente em convulsões de dor. O sofrimento lancinante de alguns rostos — especialmente os dos pais atingidos — reflete o agonizante carácter aleatório deste mundo da peste. Os seus filhos foram levados com a arbitrariedade repentina de um re-

lâmpago, e agora os rostos enlutados vergam-se sob a desolação, com os olhos ferventes cintilando ao impiedoso faiscar da luz do Sol.

Os marcos de pedra são assentes sobre o barro, estendendo a suave elevação de terreno nu para lá da vedação partida. Pequenas pilhas de pedras assinalam cada uma das dezasseis sepulturas. Alguns destes marcos têm molhos de flores silvestres cuidadosamente entalados entre as pedras. Josh Lee Hamilton certifica-se de que o marco de Sarah Bingham está ornamentado com um encantador ramo de pequenas rosas brancas Cherokee, que crescem em profusão ao longo dos limites dos pomares. O homenzarrão afeiçoara-se à mal-humorada adolescente de resposta pronta... e a sua morte partira o seu coração ao meio.

— Deus, pedimos-te que tomes os nossos amigos e vizinhos nas Tuas mãos — diz agora Josh da orla da cerca, com o vento a açoitar o casaco militar verde-azeitona colocado sobre os seus ombros maciços. O seu rosto profundamente vincado está reluzente das lágrimas.

Josh foi criado como batista, e embora tenha perdido a sua religião ao longo dos anos, pedira nesta manhã aos seus companheiros de sobrevivência para dizer algumas palavras. Os Batistas não põem muita fé nas orações para os mortos. Acreditam que os justos vão instantaneamente para o Céu no momento da sua morte — ou que, se não forem crentes, vão instantaneamente para o Inferno —, mas Josh sente, ainda assim, a obrigação de dizer alguma coisa.

Vira Lilly mais cedo, e detivera-a por um instante, sussurrando-lhe palavras de conforto. Mas percebera que alguma coisa não estava bem. Algo se passava dentro dela, para lá da mera dor. Sentiu-a flácida entre os seus enormes braços, a sua forma esguia a estremecer sem cessar como um pássaro ferido. Falou muito pouco. Apenas que precisava de estar só. Não apareceu no serviço fúnebre.

— Pedimos-Te que os leves para um lugar melhor — continua ele, com a sua voz profunda de barítono a estalar. O homenzarrão paga o preço de tratar dos corpos. Debate-se para manter a compostura, mas as emoções embargam-lhe a voz.

— Pedimos-Te que... que...

Não consegue continuar. Vira-se, baixa a cabeça e deixa correr as lágrimas em silêncio. Não consegue respirar. Não consegue ficar ali. Mal percebendo o que está a fazer, dá por si a afastar-se da multidão, do terrível e suave som dos choros e das orações.

Entre as muitas coisas de que não se deu conta hoje, no seu torpor de tristeza, foi que a decisão de Lilly Caul evitar o serviço fúnebre não constituiu a única ausência notória. Chad Bingham também não está presente.

...

— Estás bem? — Lilly mantém a distância por um momento, perfilando-se na orla da clareira, retorcendo as mãos nervosamente, a cerca de cinco metros de Chad Bingham.

O homem seco e nervoso com o boné *John Deere* não diz nada durante muito tempo. Fica apenas na orla da linha de árvores, cabisbaixo, de costas para ela, os ombros afundados como se carregassem um grande peso.

Minutos antes de o serviço fúnebre começar, Chad Bingham surpreendeu Lilly ao aparecer na sua tenda e pedindo-lhe para falar com ela em privado. Disse que queria esclarecer as coisas. Disse que não a culpava pela morte de Sarah e, pela expressão de fazer dó dos seus olhos, Lilly acreditou nele.

Essa foi a razão de ela o ter seguido até ali à pequena clareira do denso arvoredo que bordava o limite mais a norte da propriedade. Com pouco menos de vinte metros quadrados de solo coberto por agulhas de pinheiros, bordejado por pedras cobertas de musgo, a clareira estende-se sob um dossel de folhagem que filtra a luz cinzenta do dia em densos feixes de partículas de poeira. O ar fresco cheira a podridão e a excrementos de animais.

A clareira está suficientemente longe da cidade-acampamento para proporcionar privacidade.

— Chad. — Lilly quer dizer alguma coisa, quer dizer-lhe como lamenta. Pela primeira vez, desde que o conheceu, inicialmente horrorizada pela disposição dele de levar por diante um namoro com Megan mesmo debaixo do nariz da mulher, Lilly vê Chad como um simples ser humano... imperfeito, assustado, comovido, confuso, e desolado pela perda da sua jovem filha.

Por outras palavras, ele é apenas um bom homem — nem melhor nem pior do que qualquer um dos outros sobreviventes. E, agora, Lilly sente uma onda de simpatia perpassar pelo seu corpo.

— Queres falar sobre aquilo? — pergunta-lhe ela, por fim.

— Sim, suponho eu... ou talvez não... não sei.

Mantém-se de costas voltadas, a voz saindo-lhe como de uma torneira estragada, aos arrancos, débil como água a gotejar. A tristeza amarra-lhe as omoplatas, fá-lo tremer levemente na sombra dos pinheiros.

— Lamento muito, Chad. — Lilly arrisca aproximar-se dele. Tem lágrimas nos olhos. — Eu adorava a Sarah, era uma miúda tão maravilhosa.

Ele diz alguma coisa tão baixinho que Lilly não consegue ouvir. Aproxima-se. Coloca a sua mão suavemente sobre o ombro do homem.

— Eu sei que nada que se possa dizer... num momento como este...

— Ela fala para a sua nuca. A pequena correia de plástico da parte de trás do boné tem escrito *spalding*. Tem também uma pequena cobra tatuada entre os músculos do pescoço. — Eu sei que não serve de consolação — acrescenta então Lilly — mas Sarah morreu como uma heroína, ela salvou as vidas das suas irmãs.

— Foi? — A sua voz mal se eleva acima do sussurro. — Era tão boa menina.

— Eu sei que era... era uma menina espantosa.

— Achas? — Está ainda de costas viradas. Cabeça em baixo. Ombros um pouco trementes.

— Acho que sim, Chad, ela foi uma heroína, é difícil haver outra assim.

— A sério? Achas?

— Absolutamente.

— Então porque não fizeste a MERDA DO TEU TRABALHO? — Chad gira e atinge Lilly com tanta força com as costas da mão que a faz morder a língua. A cabeça estoura-lhe e ela vê estrelas.

Chad bate-lhe novamente e ela cambaleia para trás, tropeçando numa raiz e tombando no chão. Chad agiganta-se sobre ela, de punhos cerrados e olhos ardentes.

— Sua cabra estúpida e inútil! A única coisa que tinhas de fazer era proteger as minhas meninas! Até o cabrão de um chimpanzé poderia fazê-lo!

Lilly tenta rolar para longe, mas Chad atinge-lhe uma anca com a biqueira de aço da sua bota de trabalho, arremessando-a lateralmente. A dor perfura-lhe o ventre. Arqueja, à procura de ar, a boca enchendo-se-lhe de sangue.

Ele curva-se e volta a pô-la de pé com um puxão. Agarrando-a pela parte da frente da camisola, sibila-lhe, soprando-lhe um bafo acre e quente na cara.

— Tu e a putinha tua amiga acham que isto é uma festa? Estiveram a fumar erva ontem à noite? Hein? HEIN?

Chad desfere um gancho com o punho direito no maxilar de Lilly, fazendo-lhe estalar os dentes e fazendo-a cair no chão. Ela aterra num amontoado agonizante, com duas costelas partidas e o sangue a asfixiá-la. Não consegue respirar. Um frio gelado espalha-se-lhe pelo corpo e tolda-lhe a visão.

Mas consegue focar a forma compacta e musculosa de Chad Bingham que paira acima dela, abatendo-se sobre ela com um peso tremendo, escarranchado por cima dela, com a baba de uma raiva incontável escorrendo-lhe do canto da boca, cuspidando gafanhotos.

— Responde-me! Andaste a fumar erva quando estavas com as minhas miúdas?

Lilly sente o aperto poderoso de Chad em volta da sua garganta, batendo-lhe agora com a nuca no solo.

— RESPONDE-ME, SUA PU...

Sem aviso prévio, uma terceira figura materializa-se por trás de Chad Bingham — puxando-o de cima de Lilly —, a identidade do seu salvador quase invisível.

Lilly apenas vê a mancha desfocada de um homem tão grande que obscurece os raios de Sol.

Josh enche ambas as mãos com dois pedaços do blusão de ganga de Chad e depois puxa com toda a sua força.

Fosse por um súbito pico de adrenalina que percorresse o corpo do homem grandalhão, fosse simplesmente devido ao volume relativamente descarnado de Chad, a ejeção fez com que Chad Bingham parecesse uma bala humana. Voa, planando em arco pela clareira, uma das suas botas voa, o boné gira para o meio das árvores. Embate com o ombro no enorme tronco de uma velha árvore. A respiração esvai-se-lhe e ele baqueia, estatelando-se defronte da árvore. Arqueja na ânsia de respirar, piscando os olhos em choque.

Josh ajoelha-se junto de Lilly e suavemente ergue-lhe o rosto ensanguentado. Ela tenta falar, mas não consegue que os lábios a sangrar formem as palavras. Josh solta um suspiro doloroso — uma espécie de gemido vindo das entranhas. Algo relacionado com ver aquele rosto encantador — com aqueles seus olhos de espuma do mar e as maçãs delicadamente cobertas de sardas, agora pontilhadas de sangue — enfurece-o de um modo que lhe coloca um véu translúcido sobre os olhos.

O homenzarrão ergue-se, vira-se, e marcha através da clareira para o local onde Chad Bingham jaz em sofrimento.

Josh apenas consegue ver a mancha leitosa do homem no chão, sob a pálida luz do dia que irradia através do ar bafiento. Chad faz uma débil tentativa de rastejar para longe, mas Josh facilmente lhe apanha as pernas em retirada, e com um único e decisivo puxão, o corpo de Chad é deslocado de novo para diante da árvore. Josh ergue o corpo seco do homem contra o tronco.

Chad gagueja com sangue na boca.

— Isto não é... isto não é nada cont... por favooooor... meu irmão... não tens de faaah...!

Josh bate com o corpo agitado do homem contra a casca do carvalho

centenário. O impacto racha-lhe o crânio e desloca-lhe as omoplatas com a violência abrupta de um aríete.

Chad solta um grito inarticulado e viscoso — mais primitivo e involuntário do que consciente —, os olhos a revirarem-se-lhe. Se Chad Bingham fosse repetidamente atingido por trás por um aríete maciço, a série de impactos não rivalizaria com a força com que Josh Lee Hamilton começa agora a lançar o vigoroso homem vestido de ganga contra a árvore.

— Não sou teu irmão — diz Josh com uma calma misteriosa, numa voz baixa e aveludada oriunda de um lugar oculto e inacessível no fundo de si mesmo, à medida que bate aquela espécie de boneco esfarrapado contra a árvore, vezes sem conta.

Josh raramente perde o controlo daquele modo. Apenas um punhado de vezes na sua vida isso aconteceu: uma vez, no campo de jogos, quando um avançado contrário — um rapaz às direitas de Montgomery — lhe chamou escarumba... e numa outra ocasião quando um carteirista, em Atlanta, agarrara a bolsa da mãe. Mas agora a tranquila tempestade que mora dentro dele enfurece-se mais do que nunca — as suas ações sem amarras e, porém, de algum modo, controladas — enquanto lança repetidamente a nuca de Chad Bingham contra a árvore.

A cabeça de Chad pende a cada impacto, o baque insano torna-se progressivamente mais fraco agora que a parte de trás do crânio cede. Vômitos rugem na boca de Chad — novamente um fenómeno involuntário —, partículas de cereais e de bÍlis amarela descrevem uma curva descendente, sem serem notadas, ao longo dos antebraços grossos como presuntos de Josh Lee Hamilton. Josh dá conta da mão esquerda de Chad a tatear em busca da coronha da sua *Smith & Wesson* revestida de aço, enfiada na parte de trás do cinto.

Josh facilmente arranca a pistola das calças de Chad e atira a arma para o outro lado da clareira.

Com a sua última centelha de energia, o cérebro a ser expelido de várias concussões e a hemorragia a escorrer-lhe da parte de trás do crânio fraturado, Chad Bingham faz uma vã tentativa de levar um joelho ao baixo-ventre do homenzarrão, mas Josh rápida e destramente bloqueia o joelho com o antebraço, e depois desfere um golpe extraordinário — uma bofetada dada com as costas da mão, eco surreal da estalada que Lilly levará alguns momentos antes — que arremessa Chad obliquamente.

Chad estatela-se no chão a um metro e meio de distância do tronco da árvore. Josh não consegue ouvir Lilly aos tropeções pela clareira. Não consegue ouvir a sua voz estrangulada:

— Josh, NÃO! NÃO! JOSH, PARA, VAIS MATÁ-LO!!

De repente, Josh Lee Hamilton desperta e pestaneja, como se descobrisse que caminhara como um sonâmbulo e dera por si nu a vaguear pelo Peachtree Boulevard à hora de ponta. Sente as mãos de Lilly nas suas costas, arranhando o seu casaco, tentando puxá-lo para trás e para longe do homem que jaz num amontoado sobre o solo.

— Vais matá-lo!

Josh roda sobre si. Vê Lilly — ferida e amassada, a boca cheia de sangue, mal sendo capaz de se equilibrar ou de respirar ou falar — exatamente atrás dele, o seu olhar húmido preso no seu. Puxa-a para si num abraço, com os olhos inundados de lágrimas.

— Estás bem?

— Estou ótima... por favor, Josh... tens de parar antes que o mates.

Josh começa a dizer alguma coisa mais, mas interrompe-se. Vira-se e olha para o homem estendido no chão. Durante aquela pausa silenciosa e terrível — enquanto Josh mexe os lábios, mas não é capaz de emitir qualquer som ou de pôr uma ideia em palavras —, vê o corpo esvaziado no chão, jazendo na poça dos seus próprios fluidos, tão imóvel e sem vida como um monte de trapos.

QUATRO

— Fica quieta, querida. — Bob Stookey vira suavemente a cabeça de Lilly de modo a obter uma melhor visão do seu lábio inchado. Cuidadosamente, passa uma porção de antibiótico do tamanho de uma ervilha na carne fendida a formar crosta. — Está quase.

Lilly estremece com a dor. Bob ajoelha-se junto dela, a caixa de primeiros socorros aberta à beira do catre, no qual Lilly jaz inclinada, fitando o teto de lona. A tenda resplandece com os pálidos raios de Sol do fim de tarde, que brilham através das paredes de tecido manchado. O ar é frio e cheira a desinfetante e aguardente bafienta. Lilly tem um cobertor dobrado sobre o diafragma nu e o sutiã.

Bob precisa de uma bebida. Precisa dela urgentemente. As mãos voltaram a tremer-lhe. Ultimamente, tem retrocedido aos seus tempos nos U.S. Marine Hospital Corps. Uma viagem ao Afeganistão, onze anos antes, esvaziando arrastadeiras em Camp Dwyer — parece que foi há um milhão de anos-luz — nunca o poderiam ter preparado para *isto*. Também bebera muito nesse tempo, mal conseguira acabar o Curso de Formação Médica em San Antonio devido à bebida, e agora, para Bob, a guerra regressara. Os corpos cobertos de estilhaços que ele coseu no Médio Oriente não eram nada comparados com os campos de batalha que eram deixados como o rasto *desta* guerra. Bob sonha por vezes com o Afeganistão — os mortos-vivos misturando-se e infectando as fileiras dos talibãs à boa maneira do Grand Guignol —, os braços frios, mortos, cinzentos a brotarem das paredes das salas de operações móveis.

Mas, para Bob, coser e tratar de Lilly Caul é uma questão completamente diferente — bastante pior do que ser médico de campanha ou de fazer a limpeza do resultado de um ataque dos caminhantes. Bingham tratara-a muito mal. Tanto quanto Bob conseguia dizer, ela tinha três costelas rebentadas, uma contusão grande no olho esquerdo — que poderia ou não envolver uma hemorragia do vítreo ou mesmo deslocamento da

retina —, bem como uma série de ferimentos feios e lacerações no rosto. Bob sentia que estava mal equipado — tanto em termos técnicos, como em materiais médicos — para sequer *fingir* tratá-la. Mas Bob era a única pessoa que havia nas redondezas e por isso tinha agora improvisado uma tala de lençóis, livros de capa dura, e ligaduras elásticas em volta da barriga de Lilly e aplicara a sua diminuta provisão de creme antibiótico nos ferimentos superficiais. O olho era o que mais o preocupava. Precisava de o vigiar, de garantir que sarava adequadamente.

— Aqui vamos nós — diz ele, aplicando-lhe a última camada de creme no lábio.

— Obrigada, Bob. — A fala de Lilly estava dificultada pelo inchaço, provocando-lhe um leve ciciar nos s. — Podes enviar a conta à minha companhia de seguros.

Bob solta uma risada sem convicção e ajuda-a a puxar o seu casaco de novo sobre a barriga ligada e os ombros feridos.

— Que diabo aconteceu lá?

Lilly suspira, sentando-se sobre o catre, puxando cuidadosamente o fecho do casaco e contraindo-se com as dores agudas.

— As coisas ficaram... um pouco fora de controlo.

Bob descobre o seu cantil amolgado com uma zurrapa alcoólica, recosta-se na cadeira desdobrável e bebe um longo trago medicinal.

— Correndo o risco de dizer o óbvio... isto não é bom para ninguém.

Lilly engole como se tentasse digerir vidros partidos. As pontas dos seus cabelos ruivos oscilam-lhe sobre o rosto.

— E estás a dizer-me isso a mim.

— Estão reunidos neste momento na tenda grande para falar disso.

— Quem está?

— Simmons, Hennessey, alguns dos mais velhos, Alice Burnside... estás a ver... filhos e filhas da revolução. Josh está... bem, nunca o vi assim. Está bastante perturbado. Está sentado no chão, do lado de fora da tenda dele, como uma esfinge... não diz uma palavra... apenas contempla o nada. Diz que concorda com tudo o que eles decidirem.

— O que quer ele dizer com isso?

Bob toma mais um saudável gole do seu remédio.

— Lilly, tudo isto é novidade. Alguém assassinou uma pessoa viva. Estas pessoas não lidaram com nada que se pareça com isto anteriormente.

— *Assassinou?*

— Lilly...

— É o que agora chamam a isto?

— Só estou a dizer...

— Tenho de lhes falar. — Lilly tenta pôr-se de pé, mas as dores fazem-na recuar até à beira do catre.

— Eh lá, para aí, Kemo sabe¹⁰. Com calma. — Bob inclina-se sobre ela e equilibra-a suavemente. — Acabei de te dar codeína suficiente para acalmar um Clydesdale.

— Caramba, Bob, não vão linchar Josh por causa disto, não vou deixar que isso aconteça.

— Vamos lá dar um passo de cada vez. Por agora, não vais a lado nenhum.

Lilly baixa a cabeça. Uma única lágrima brota e escorre do seu olho bom.

— Foi um acidente, Bob.

Bob olha-a.

— Talvez seja melhor concentrares-te apenas em ficares boa, hein?

Lilly ergue os olhos para ele. O seu lábio rebentado tem um inchaço que o torna três vezes maior do que o seu tamanho normal, o seu olho esquerdo está injetado de vermelho, a órbita já enegrecida e pisada. Ela aperta a gola do seu sobretudo de saldos e arrepia-se com o frio. Usa uma quantidade de acessórios excêntricos que chamam a atenção de Bob: pulseiras de macramé e contas e pequeninas penas entrelaçadas nas pontas das madeixas ambarinas que lhe caem sobre o rosto devastado. É curioso, para Bob Stookey, como uma rapariga seja ainda capaz de dar atenção à moda neste mundo. Mas isso é parte do encanto de Lilly Caul, parte da fibra do seu ser. Desde a pequena tatuagem de uma flor-de-lis na parte de trás do pescoço aos meticulosos rasgões e remendos nas suas calças de ganga, ela é uma daquelas raparigas que consegue transformar dez dólares e uma tarde numa loja de segunda mão num guarda-roupa inteiro.

— Isto é tudo por minha culpa, Bob — diz ela numa voz rouca e ensonada.

— Isso é um monte de disparates — contra-argumenta Bob Stookey depois de tomar mais um trago do frasco embaçado. Talvez a aguardente tenha começado a soltar a língua de Bob, pois sente uma pontada de amargura. — O que eu acho é que, conhecendo aquele tipo, Chad, há algum tempo que ele andava a pedir isto.

— Bob, isso não é...

Lilly interrompe-se quando ouve o restolhar de passos do lado de fora da tenda. A sombra de um leviatã cai sobre a lona. A silhueta familiar

¹⁰ Expressão de origem nativa americana, popularizada pela personagem Tonto na série *Lone Ranger* com o significado de «fiel amigo» ou «batedor de confiança». [N. do T.]

fica parada por um momento, espreitando desajeitadamente na abertura fechada da tenda de Bob. Lilly reconhece a figura, mas não diz nada.

Uma mão enorme afasta suavemente a aba da tenda e um largo rosto castanho, profundamente vincado, assoma.

— Eles disseram que podia, deram-me três minutos — diz Josh Lee Hamilton numa sufocada e acanhada voz de barítono.

— De que estás a falar? — Lilly senta-se e fita o amigo. — Três minutos para quê?

Josh ajoelha-se diante da abertura da tenda, olhando para o chão, debatendo-se para conter as emoções.

— Três minutos para dizer adeus.

— *Adeus?*

— Sim.

— O que queres dizer com isso, *adeus*? O que aconteceu?

Josh solta um suspiro dorido.

— Fizeram uma votação e decidiram que a melhor maneira de lidar com o que aconteceu era mandarem-me fazer as malas e expulsarem-me do grupo.

— *O quê?*

— Suponho que é melhor do que enforcarem-me na árvore mais alta.

— Tu não fizeste... quer dizer, foi completamente acidental.

— Pois, claro — diz Josh, fitando o solo. — O pobre tipo chocou acidentalmente com o meu punho um monte de vezes.

— Dadas as circunstâncias, porém, estas pessoas sabem que espécie de homem...

— Lilly...

— Não, isto é errado. Isto é simplesmente... errado.

— Acabou, Lilly.

Ela olha-o.

— Vão deixar-te levar alguns mantimentos? Talvez um dos veículos?

— Tenho a minha moto. Vai ficar tudo bem, vou ficar bem...

— Não... não... isto é simplesmente... *ridículo*.

— Lilly, escuta. — O homenzarrão avança até ficar parcialmente dentro da tenda. Bob olha para outro lado, por respeito. Josh baixa-se, estende a mão e toca suavemente no rosto ferido de Lilly. Pela forma como os lábios de Josh se comprimem, pela forma como os seus olhos cintilam, como as linhas se vincam em redor da sua boca, é claro que está a conter uma maré de emoções. — É assim que tem de ser. É pelo melhor. Eu vou ficar bem. Tu e o Bob tomam conta disto.

Os olhos de Lilly enchem-se de lágrimas.

— Então, vou contigo.
— Lilly...
— Não há nada aqui que me prenda.
Josh abana a cabeça.
— Lamento, boneca... só há um bilhete.
— Vou contigo.
— Lilly, tenho mesmo muita pena, mas não está escrito nas cartas. Aqui é mais seguro. Com o grupo.
— Pois, aqui é tudo muito estável — diz ela num tom glacial. — É uma festa permanente de paz e amor.
— É melhor aqui do que por aí.
Lilly fita-o desoladamente, as lágrimas começam a escorrer-lhe pelo rosto desgastado.

— Não me podes impedir, Josh. A decisão é minha. Vou contigo e não há mais nada a dizer. Se tentares impedir-me, vou à tua procura, vou atrás de ti, hei de encontrar-te. Vou contigo e não há nada que possas fazer acerca disso. Não me podes impedir, está bem? Por isso... aguenta-te.

Abotoa o casaco, mete os pés nas botas e começa a reunir as suas coisas. Josh observa com desalento. Os movimentos de Lilly são hesitantes, interrompidos por retraimentos intermitentes provocados pelas dores.

Bob troca um olhar com Josh. Qualquer coisa, não dita mas poderosa, passa entre os dois homens, enquanto Lilly atulha todas as suas peças de roupa dispersas dentro de uma mochila e abre caminho para fora da tenda.

Josh demora-se um momento na boca da tenda, olhando para dentro, na direção de Bob.

Bob por fim encolhe os ombros e diz com um sorriso fatigado:

— *Mulheres.*

Quinze minutos depois, Josh tem os alforjes da sua *Suzuki* preta a transbordarem de latas de *Spam* e de atum, foguetes luminosos, cobertores, fósforos à prova de água, corda, uma tenda de campismo enrolada, uma lanterna, um pequeno fogareiro, uma cana de pesca retráctil, uma pequena pistola de calibre 38, alguns pratos de papel e condimentos surripiados da área comum. O dia tornara-se ventoso, o céu a carregar-se de nuvens cinzentas-escuras.

O tempo ameaçador adiciona mais uma camada de ansiedade aos preparativos enquanto Josh prende os sacos com a bagagem e olha sobre o ombro para Lilly, que se encontra a três metros de distância, na beira da estrada, ajustando aos ombros uma mochila demasiado cheia. Encolhe-se com uma dor aguda nas costelas ao apertar as correias do saco.

Do outro lado da propriedade, um punhado de autoproclamados líderes da comunidade observam. Três homens e uma mulher de meia-idade perfilam-se estoicamente a olhar. Josh quer gritar-lhes qualquer coisa sarcástica e intimidante, mas contém a língua. Em vez disso, vira-se para Lilly e diz:

— Estás pronta?

Antes de Lilly poder responder, uma voz ressoa da orla leste da propriedade.

— Esperem!

Bob Stookey vem a rolar ao longo da vedação com um grande saco de pano às costas. O tinir das garrafas a chocalharem pode ouvir-se — a reserva de «remédios» de Bob, sem dúvida — e há uma expressão estranha no rosto do velho clínico, uma mistura de antecipação e embaraço. Aproxima-se cautelosamente.

— Antes de partirem todos em direção ao pôr do Sol, tenho uma pergunta a fazer.

Josh olha atentamente para o homem.

— O que se passa, Bob?

— Respondam-me só a uma coisa — diz ele. — Têm alguns conhecimentos médicos?

Lilly aproxima-se, o cenho franzido pela perplexidade.

— Bob, do que precisas?

— É uma pergunta simples. Algum de vocês, suas bestas, tem algumas credenciais médicas legítimas?

Josh e Lilly trocam um olhar. Josh suspira.

— Que eu saiba, não, Bob.

— Então deixem-me perguntar mais uma coisa. Quem, raios-os-partam, vai vigiar a infeção desse olho? — Faz um gesto na direção do olho injetado de sangue de Lilly. — Ou, já agora, quem vai observar essas costelas fraturadas?

Josh olha para o clínico.

— Que estás a tentar dizer, Bob?

O homem mais velho espeta um polegar na direção da fila de veículos estacionados ao longo da estrada de cascalho atrás dele.

— Uma vez que estão todos ansiosos para irem vaguear no desconhecido, não faria mais sentido fazê-lo com um médico certificado do Corpo Médico dos U.S. Marine?

Puseram as coisas na enorme cabina de Bob. A velha *Dodge Ram* é um monstro — salpicado de mossas e esfoladelas enferrujadas — com uma

caravana adaptada sobre a extensa plataforma de carga. As janelas da caravana são compridas, estreitas e opacas do vidro fosco. A mochila de Lilly e os alforjes de Josh entram pela porta traseira e ficam entalados entre pilhas de roupa suja e garrafas meio vazias de uísque barato. Há, ali atrás, um par de catres frágeis, uma grande geleira, três caixas de primeiros socorros muito desgastadas, uma mala de viagem rasgada, um par de depósitos de combustível, uma velha pasta de médico que parece ter vindo de uma casa de penhores, e uma falange de instrumentos de jardinagem empurrados contra a divisória corta-fogo em frente — pás, uma enxada, uns quantos machados, e uma forquilha de aspeto desagradável. O teto arredondado eleva-se a uma altura suficiente para acomodar um adulto curvado.

Enquanto arruma os sacos, Josh vê as peças espalhadas de uma caçadeira de calibre 12 desmontada, mas nenhum sinal de munições. Bob traz consigo uma 38 de cano curto que provavelmente não acertaria num alvo imóvel a dez passos sem vento — e isso se, e apenas se, Bob estivesse sóbrio, o que é raramente o caso. Josh sabe que vão precisar de armas de fogo e de munições se querem ter hipóteses de lutar pela sobrevivência.

Josh fecha a porta com força e sente que alguém está a observá-los do outro lado da propriedade.

— Ei, Lil!

A voz parece-lhe familiar e, quando Josh se vira, vê Megan Lafferty, a rapariga de caracóis castanhos-avermelhados e libido desvairada, de pé à distância do comprimento de dois carros, junto ao rebordo de cascalho. Está de mão dada com o miúdo pedrado — como se chama ele? — de fibrosos cabelos louros sobre a cara e a camisola maltrapilha. Steve? Shawn? Josh não se consegue lembrar. A única coisa de que Josh se lembra é de ter aturado a rapariga a fornicar o caminho todo desde Peachtree City.

Agora os dois miúdos indolentes estão ali, observando com uma intensidade de abutre.

— Ei, Meg — diz Lilly suavemente, algo cepticamente, ao mesmo tempo que rodeia a traseira da carrinha e se imobiliza ao lado de Josh. O ruído que Bob faz a bater debaixo do capô pode ouvir-se no estranho silêncio.

Megan e o miúdo pedrado aproximam-se cautelosamente. Megan mede as palavras ao dirigir-se a Lilly:

— Minha, ouvi dizer que estão de partida para voos mais altos.

Junto de Megan, o «passado» dá uma risadinha.

— Sempre pronta para ficar *altamente*.

Josh dispara um olhar na direção do miúdo.

— O que podemos fazer por vocês, belos jovens?

Megan não tira os olhos de cima de Lilly.

— Lil, só queria dizer... tipo... espero que não estejas chateada comigo ou assim.

— Porque estaria eu chateada *contigo*?

Megan baixa os olhos.

— Eu disse umas coisas no outro dia, não estava a pensar lá muito bem... só queria... não sei. Só queria dizer que lamentava.

Josh olha para Lilly e nesse breve momento de silêncio antes de ela responder, vê a essência de Lilly Caul num único instante. O seu rosto pisado suaviza-se. Os olhos enchem-se-lhe de perdão.

— Não tens de lamentar nada, Meg — diz Lilly à amiga. — Apenas estamos todos a tentar manter as nossas merdas juntas.

— Ele fodeu-te bem, realmente — diz Megan, considerando a devastação do rosto de Lilly.

— Lilly, temos de ir andando — intervém Josh. — Vai escurecer não tarda.

O miúdo pedrado sussurra a Megan:

— Vais pedir-lhes ou quê?

— Pedir-nos o quê, Meg? — diz Lilly.

Megan lambe os lábios. Levanta os olhos para Josh.

— É completamente fodida, a maneira como te estão a tratar.

Josh faz um aceno breve com a cabeça.

— Muito obrigado, Megan, mas temos realmente de ir embora.

— Leva-nos contigo.

Josh olha para Lilly e esta fita a amiga. Por fim, Lilly diz:

— Mmm, vejamos, a questão é...

— A segurança está na porra da quantidade, meu. — O miúdo pedrado entusiasma-se com o seu risinho seco e nervoso de charro. — Estamos tipo totalmente em *modo guerreiro*...

Megan ergue rapidamente a mão.

— Scott, por favor fecha a matraca durante *dois minutos*? — Olha para Josh. — Não podemos ficar aqui com estes idiotas fascistas. Não depois do que aconteceu. Isto é uma confusão do caraças, as pessoas já não confiam umas nas outras.

Josh cruza os seus enormes braços sobre o peito de barril, olhando para Megan.

— Fizeste a tua parte para pôr as coisas em movimento por aqui.

— Josh... — Lilly começa a interceder.

Megan olha subitamente para baixo com uma expressão abatida.

— Não, deixa estar, está tudo bem. Eu mereço. Suponho que apenas... apenas me esqueci de quais são as regras.

No silêncio que se segue — o único ruído é o vento nas árvores e os rangidos de Bob a perder tempo sob o capô —, Josh revira os olhos. Não consegue acreditar naquilo com que está prestes a concordar.

— Vão buscar as vossas coisas — diz ele por fim — e sejam rápidos.

Megan e Scott viajam atrás. Bob conduz, com Josh no banco do lado e Lilly no espaço estreito da parte de trás da cabina. A carrinha tem um espaço modificado para dormir, atrás do banco da frente, com portas laterais mais pequenas e um banco reclinável almofadado que também faz de cama. Lilly senta-se no banco rasgado e segura-se a um corrimão, e cada solavanco e mudança de direção provocam-lhe dores lancinantes nas costelas.

Consegue ver o renque de árvores de cada lado do caminho, que escurecem à medida que descem pela sinuosa estrada de acesso que leva à saída dos pomares, enquanto as sombras do final de tarde se estendem e a temperatura declina. O ruidoso aquecimento do camião trava uma batalha perdida contra o frio. O ar, dentro da cabina, cheira a álcool velho, a fumo e aos odores corporais. Através dos ventiladores, o perfume dos campos de tabaco e a fruta a apodrecer — a fragrância almiscarada do outono da Geórgia —, é vagamente discernível, um aviso para Lilly, um prenúncio de corte com a civilização.

Ela começa à procura de caminhantes nas árvores — todas as sombras, todos os lugares sombrios são uma potencial ameaça. O céu está vazio de aviões e pássaros de qualquer espécie, os céus tão frios, mortos e silenciosos como um vasto glaciar cinzento. Conseguem chegar à Spur 362 — a via principal que atravessa o Condado de Meriwether — quando o Sol se afunda no horizonte. Devido à proliferação de despojos e carros abandonados, Bob conduz com tranquilidade, mantendo a carrinha a sessenta quilómetros à hora. A estrada de duas faixas torna-se azul-acinzentada no progressivo anoitecer, o lusco-fusco alastra pelas colinas ondulantes de pinheiros brancos e soja.

— Qual é o plano, comandante? — pergunta Bob a Josh depois de terem percorrido dois quilómetros.

— Plano? — Josh acende um cigarro e baixa o vidro da janela. — Deves estar a confundir-me com um daqueles comandantes de batalha que costumavas coser no Iraque.

— Nunca estive no Iraque — diz Bob. Tinha um frasco entre as pernas. Bebe um gole furtivo. — O que fiz no Afeganistão valeu alguma coisa, e para ser franco, a mim aquele sítio parece-me cada vez melhor.

— A única coisa que te posso dizer é que eles me disseram para me pôr a andar, e é isso que estou a fazer.

Passam um cruzamento, um sinal que diz *filburn road*, um caminho rural, poeirento e desolado, ladeado por valas, estendendo-se entre dois campos de tabaco. Josh repara nele e cisma sobre a sensatez de rodarem por uma estrada depois do escurecer. Começa a dizer:

— Porém, estou a começar a pensar que talvez não nos devêssemos dispersar para demasiado longe de...

— Josh! — A voz de Lilly perfura o zumbido chocalheiro da cabina. — Caminhantes, olha!

Josh percebe que ela está a apontar para a estrada distante à frente deles, para um ponto talvez a uns quinhentos metros de distância. Bob trava a fundo. A carrinha derrapa, atirando Lilly contra o assento. Dores agudas como um vidro afiado perfuram-lhe as costelas. O baque surdo de Megan e Scott embatendo no corta-fogo lá atrás penetra a cabina.

— Merda! — Bob aperta o volante com as mãos gastas, enrugadas, os nós dos dedos brancos da pressão enquanto a carrinha para ruidosamente. — Grande merda!

Josh vê um aglomerado de caminhantes ao longe, pelo menos quarenta ou cinquenta — talvez mais, o lusco-fusco prega partidas — a enxamear em redor de um autocarro escolar virado. Àquela distância, parece que o autocarro entornou trouxas de roupa molhada, que os mortos parecem estar atarefados a selecionar. Mas rapidamente se torna claro que as trouxas são restos humanos. E que os caminhantes estão a alimentar-se. E que as vítimas são crianças.

— Podíamos abrir caminho entre eles — arrisca dizer Bob.

— Não... não — diz Lilly. — Estás a falar a sério?

— Podíamos rodeá-los.

— Não sei. — Josh atira o cigarro pela janela, com o pulso a acelerar. — As valas são fundas de ambos os lados, podiam fazer-nos capotar.

— Que sugeres?

— O que tens com forma de bala para aquela arma para matar esquilos que tens lá atrás?

Bob deixa sair o ar tensamente.

— Tenho uma caixa de cartuchos para tiro aos pombos, com 25 grãos, com cerca de um milhão de anos. E esse brinquedo?

— Só tenho o que está no cilindro, acho que restam cinco balas e acabou-se.

Bob olha para o espelho retrovisor. Lilly vê os seus olhos profundamente sulcados fisciarem em pânico. Olha para Lilly quando diz:

— Ideias?

Lilly diz:

— Está bem, então, mesmo que matássemos a maior parte deles, o

barulho vai atrair um enxame. Se me perguntas, eu digo que os evitemos completamente.

Nesse preciso momento, um ruído abafado faz saltar Lilly. Sente uma pontada nas costelas ao virar-se. Na pequena janela estreita na parede do fundo da cabina, assoma o rosto pálido e ansioso de Megan. Bate com a palma da mão no vidro e articula as palavras: *Que merda se está a passar?*

— Aguenta! Está tudo bem! Aguenta aí! — grita Lilly através do vidro, depois vira-se para Josh. — O que achas?

Josh olha pela janela pelo grande espelho picado de ferrugem. No reflexo alongado, vê o cruzamento solitário a cerca de trezentos metros para trás, já dificilmente visível à luz mortiça.

— Recua — diz ele.

Bob olha para ele.

— Que dizes?

— Recua... rápido. Vamos apanhar aquela estrada lateral, lá atrás.

Bob mete a marcha-atrás e carrega no acelerador. A carrinha balança. O motor geme, o arranco gravitacional arremessa todos para a frente. Bob morde o lábio inferior enquanto luta com o volante, usando o espelho lateral para se orientar. A grande carrinha oscila em direção inversa, a parte da frente guina, a caixa de velocidades guincha. A traseira aproxima-se do cruzamento.

Bob bloqueia os travões e Josh aterra no banco quando a traseira da carrinha derrapa no rebordo mais distante da estrada de duas faixas, enredando-se num nó de cornizos selvagens, tabuas e podófilos, levantando uma nuvem de folhas e detritos. Ninguém ouve o ruído rastejante de alguma coisa morta a mexer-se por trás da moita de arbustos.

Ninguém ouve o débil arranhar da coisa morta a arrastar-se pesadamente para fora da folhagem e apertar os dedos mortos em volta do guarda-lamas traseiro da caravana até ser demasiado tarde.

No interior do compartimento campista, cada um deles tombando para o chão com os movimentos violentos da carrinha, ambos rindo histericamente, Megan e Scott não se dão conta de que está um zombie agarrado ao estribo da traseira. Quando o *Dodge Ram* engata e dispara pela estrada de terra perpendicular, sobem ambos de novo para os assentos improvisados feitos com caixas de pêssegos, ainda a rir furiosamente.

O ar dentro da caravana atulhada é azul da neblina provocada por uma taça inteira de *cannabis sativa*, que Scott acendera dez minutos antes. Estivera a conservar a sua reserva, cuidando dela, temendo o dia inevitável em que ela se acabaria e ele teria de perceber como plantá-la na argila arenosa.

— Deste um peido quando caíste — casquina Scott para Megan, já com olhos sonhadores e envoltos num zumbir sussurrante.

— Não dei nada — nega ela no seu riso incontrolável, tentando equilibrar-se sobre a caixa. — Isso foi o cabrão do sapato a raspar na merda do chão.

— Tretas, minha, peidaste-te *em grande*.

— Não peidei, não.

— Peidaste sim, ai não que não peidaste... deste um, e era mesmo um peido de gaja.

O riso de Megan atroa.

— Que raio de porra é um peido de gaja?

Scott galhofa.

— É... é uma espécie... é uma espécie de pequena explosão, puu. Como o motor de um pequeno comboio. Puu-puu. O pequeno peido que poderia...

Acabam ambos dobrados num espasmo incontido de hilaridade enquanto um rosto lívido, de olhos leitosos se ergue, como uma pequena Lua, na superfície escura da janela traseira da caravana. Este é um macho, de meia-idade e quase calvo, com o crânio cartografado por veias azuis e tufos de cabelos cinzentos e bafientos.

Nem Megan, nem Scott o veem a princípio. Não veem o vento a soprar os seus fiapos musgosos de cabelo ralo, ou os seus lábios gordurosos a despelarem-se, expondo os dentes escuros, ou o tatear dos dedos apodrecidos quando se enfiam pela abertura deixada pela porta parcialmente aberta.

— OH, MERDA! — Scott profere as palavras num gaguejo de riso atabalhoado quando vê o intruso a entrar. — OH, MERDA!!

Megan dobra-se, rindo convulsivamente, quando Scott rodopia e cai de bruços e depois corre loucamente de gatas pelo estreito espaço do chão em direção aos utensílios de jardinagem. Já não se ri. O zombie está meio dentro da caravana. O ruído de serra elétrica do seu rosnar e o fedor dos seus tecidos decompostos enchem o ar. Megan vê finalmente o intruso e começa a tossir e a espirrar, o riso ligeiramente alterado.

Scott tenta alcançar a forquilha. A carrinha dá uma guinada. O zombie — agora completamente no interior — tropeça como um ébrio, de lado, e bate na parede. Uma pilha de caixas tomba. Scott consegue agarrar e erguer a forquilha.

Megan empurra-se para trás, deslizando sobre o rabo, escavando o caminho até ao canto mais distante. O terror dos seus olhos parece não bater certo com as risadas estridentes e soluçantes. Como um motor que não vai parar de trabalhar, o seu riso alterado e perturbado continua, ao

mesmo tempo que Scott se ergue sobre os joelhos cambaleantes e arremessa a forquilha com quanta força tem na direção do cadáver andante que está na sua frente.

Os dentes ferrugentos atingem o lado do rosto da coisa quando este se volta. Um dos espigões impala o olho esquerda do zombie. Os outros espetam-se no maxilar e na jugular. Sangue negro esguicha pela caravana. Scott solta um grito de guerra e liberta o utensílio com um puxão. O zombie cambaleia de volta à porta sacudida pelo vento — que agora está a bater — e, por alguma razão, o segundo golpe provoca uma gargalhada demente e convulsiva em Megan.

Os dentes da forquilha afundam-se no crânio da coisa.

Isto é tremendamente hilariante para Megan: o morto cheio de piada a estremecer como se tivesse sido eletrocutado, com a forquilha enterrada no crânio, os braços a agitarem-se, impotentes, no ar. Como um palhaço pateta, de cara branca e grandes dentes negros, a coisa cambaleia para trás, por um momento, até que a pressão do vento o puxa pela porta traseira a bater.

A forquilha solta-se do aperto de Scott e o zombie tomba para fora da carrinha-caravana. Scott cai sobre o rabo, aterrando num monte de roupas.

Megan e Scott desatam agora a rir perante o absurdo do zombie a gingar na estrada ainda com a forquilha plantada no crânio. Ambos correm de gatas para a porta traseira e ficam a olhar para os restos humanos a ficarem progressivamente mais distantes atrás deles — com a forquilha ainda espetada, a sair-lhe a direito da cabeça como um marco da estrada.

Scott puxa a porta para a fechar e ambos desatam de novo às gargalhadas com espasmos de um riso pedrado e tosse frenética.

Ainda a rir, de olhos húmidos, Megan vira-se para a parte da frente da caravana. Através da janela da cabina, consegue ver as nuças de Lilly e de Josh. Têm um ar preocupado — sem saberem o que acabou de acontecer a centímetros de distância deles. Parecem estar a apontar para alguma coisa longínqua, bem no alto da crista de uma colina adjacente.

Megan não quer acreditar que ninguém na cabina ouviu o rebuliço na parte de trás. Era o barulho da estrada assim tão alto? Fora a luta abafada pelo ruído das gargalhadas? Megan está prestes a bater no vidro, quando vê, por fim, aquilo para que estão a apontar.

Bob está a virar para sair da estrada e a dirigir-se para um caminho íngreme de terra que conduz a um edifício que pode ou não estar abandonado.